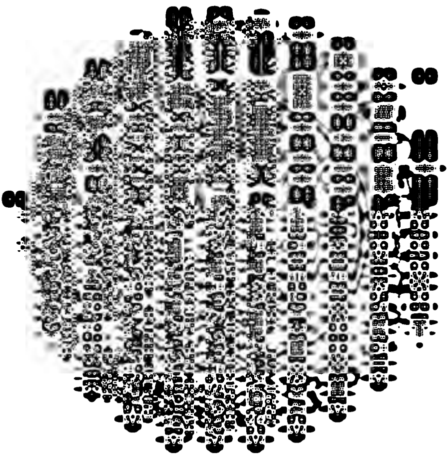




AS PRISÕES DA JUNQUEIRA

DURANTE O MINISTERIO DO

MARQUEZ DE POMBAL

ESCRIPTAS ALLI MESMO PELO MARQUEZ DE ALORNA, UMA DAS SUAS VICTIMAS

Publicadas conforme o original

POR

JOSÉ DE SOUSA AMADO

PRESBYTERO SECULAR

Segunda edição

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

—

1882

AS

PRISÕES DA JUNQUEIRA

DURANTE O MINISTERIO DO

MARQUEZ DE POMBAL

ESCRIPTAS ALLI MESMO PELO MARQUEZ DE ALORNA, UMA DAS SUAS VICTIMAS

Publicadas conforme o original

POR

JOSÉ DE SOUSA AMADO

PRESBYTERO SECULAR

Segunda edição

LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

DE THOMAZ QUINTINO ANTUNES, IMPRESSOR DA CASA REAL

Rua dos Calafates, 110

1882

[illegible]

[illegible]

N'este logar julgamos conveniente dar alguns apontamentos biographicos do auctor d'este opusculo.

O benemerito marquez de Alorna foi preso em Lisboa no anno de 1776, na sua casa, a Jesus, estando já recolhido no seu quarto, por serem horas adiantadas da noite. Tinha 25 annos de idade, e achava-se nomeado embaixador para França.

Seis mezes depois a marqueza de Alorna e suas filhas foram mandadas para o convento de Chellas.

Na Junqueira, segunda prisão, para que fora mandado, conservou-se por espaço de 19 annos, e alli teria soffrido a sorte de tantos padres e fidalgos, se Sebastião José de Carvalho continuasse por mais tempo no ministerio, como desejava com avidez pouco vulgar.

suitas de Coimbra a sua conservação em Portugal, tomando-os debaixo da sua protecção, e provendo-os de rendas bastantes. Não se realisou este desêjo do governo, por via de uma condição a que elles julgaram não dever annuir. — *Cretineau-Joli.*

Quiz a providencia, que o inimigo do clero e da nobreza fosse lançado fóra do governo; e a senhora D. Maria I bem informada da innocencia do illustrado marquez de Alorna (que nunca soube, nem antes, nem no tempo da prisão, nem depois, a causa porque o prenderam, apezar de muitas vezes instar para que o mettessem em processo!!!), mandou-o soltar por portaria de 7 de março de 1777, á qual se seguiu em 17 de maio do mesmo anno o decreto seguinte:

«Porquanto fui servida mandar, que o marquez de Alorna, quando sahiu da prisão em que se achava, se retirasse d'esta côrte, em quanto se não justificasse da mais leve culpa de inconfidencia; e requerendo-me o dito marquez a exacta averiguação da sua innocencia, ou culpa; sendo commettido este importante negocio a uma junta de ministros dignos d'elle, com assistencia do procurador da minha real corôa *foi por todos uniformemente julgado que o dito marquez se achava innocente, e sem prova por onde se podesse dizer culpado:* Hei por bem de o declarar assim para que possa ser restabelecido ás

honras e liberdades, que por direito lhe competem.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 17 de maio de 1777. — Com rubrica de sua magestade.»

Por este meio tão solemne e decoroso foi comprovada a innocencia do illustre preso da Junqueira, o que ao mesmo tempo importa a condemnação mais formal das medidas arbitrarias de Sebastião José, que com tanta crueldade se arvorou em perseguidor dos que lhe levavam vantagem em saber, virtudes e nobreza.

Depois que o illustre auctor d'*estas prisões* se viu em liberdade, e restituido aos seus direitos, viveu sempre retirado em Almeirim, ou em Almada, repartindo o tempo em oração e obras pias; e para se recrear, entregava-se a observações astronomicas, por que mostrava muita paixão. A sua ultima molestia foi resultado de uma constipação durante estas observações.

Viveu até 1801, tendo a consolação de vêr nascido o actual marquez de Fronteira, seu bisneto.

A RESPEITO D'ESTA SEGUNDA EDIÇÃO

Quizemos augmental-a de varios documentos ineditos, que possuimos, não poucos; falta porém de imprensas, que correspondessem á brevidade que exigiamos, nos determinou a suspender esta publicação.

A historia do despotismo e das crueldades do Marquez de Pombal, conhece-se apenas pela rama; a philosophia d'esta historia é quasi que ignorada geralmente.

Algum trabalho sobre este ponto fará avaliar o caracter do grande sanguinario, e ao mesmo tempo quaes foram os influentes, e cooperadores que fizeram desapparecer sem forma de processos, oito mil portuguezes, que sepultados vivos nos carceres, alli falleceram á força de privações e tormentos.

Novos opusculos poderão esclarecer muito a historia de Portugal, por aquelles tempos, e desilludir aquelles, em que não dimanarem preconceitos de irreligião e de impiedade.

O governo do marquez de Pombal, verdadeiro reinado de terror e de sangue, causou mais males a Portugal, do que, por ventura se terá aprehendido e imaginado.

Dos numerosos documentos manuscriptos (muitos authographos) se poderá conhecer esta verdade.

O primeiro opusculo, que tencionamos publicar, terá por titulo o que se lê na capa.

Não faltarão provas.

AS PRISÕES DA JUNQUEIRA

I

Descripção dos carceres

N'esta prisão ha dezenove carceres; dois são quasi de todo escuros, e entre os outros ha tambem dois, que são reputados pelos peiores pela sua pequenez, e por estarem perto de um cano, por onde despejam as immundicies. Em um d'estes é a nossa habitação ha dois annos, menos apertada do que cuidavamos no principio, por conta da tarimba, que lhe construimos com as nossas mãos, sem ajuda de ninguem, para a qual nos foram dadas duas portas velhas, e licença para comprar tres barrotes.

Todos os carceres tem tres portas, duas de páo, e uma de ferro. As duas interiores costumam fecharse sómente em certos tempos de maior rigor; ordinariamente ficam abertas.

Por cima da porta ficam as janellas com duas grades, distantes dez palmos uma da outra, por ser es-

sa a largurà da parede. Da parte opposta lhe corresponde um buraco redondo para a correnteza do ar, fingindo cano pela parte de fóra. Para o serviço das prisões se pratica com um corredor estreito, cuja parede, que o termina, se levantou por cima do telhado até á altura, que pareceu precisa para tirar ás janellas a vista de quaesquér objectos mais distantes. D'este modo tambem lhe tira uma grande parte da luz: e excepto em dois carceres, que se acham em posição mais vantajosa, ha em todos os outros tão debil claridade, que se não póde lêr sem candieiros. Por esta razão a maior parte dos presos, em cujo numero entrámos nós tambem, tem luz na casa perpetuamente; e se acham a estas horas com a vista bastantemente enfraquecida.

O comprimento dos carceres é pouco mais ou menos de sete passos; na largura ha mais diversidade, ainda que não muita: e todo este edificio estava tão fresco, quando para elle foram transportados os presos, que com o dedo se lhe faziam buracos profundos nas paredes.

Com isto soffreram os pobres padecentes frios insupportáveis, e uma humidade extraordinaria; mas apesar de similhante inconveniente não padeceu ninguem molestia consideravél em todo o tempo, que foi preciso para se experimentar maior secura.

Ha duas portas para o corredor da serventia; a principal é a da cosinha, e a outra não teve uso senão no principio para a introducção de alguns presos. Para esse effeito ha duas machinas de madeira

com um caixilho de painel de uma e outra parte pintado de branco, e de fórma de porfil do corredor, as quaes se põem atravessadas junto das portas dos carceres, onde se introduzem presos, para que estes em qualquer parte que os ponham, não poderem vêr ao entrar, mais nada d'ali em diante, e fiquem entendendo que estão no fim do corredor.

A utilidade, que d'isto se póde seguir ao serviço d'el-rei, o dirá o inventor; para mim não foi precisa toda esta fabrica, porque vim de noite e entrei, no carcere, ás escuras. Debaixo da minha prisão, e mais a algum espaço para a parte da terra ha tres casas subterraneas, duas das quaes servem de cemiterio, e a outra dizem que foi destinada para tratos. Emfim, por cima das prisões ficam os quartos do desembargador, do escrivão, do capellão, e dos guardas.

II

Das pessoas empregadas n'este forte para o governo e trato dos presos

Para conhecimento do caracter do desembargador basta advertir, que é um homem escolhido por Sebastião José de Carvalho, para carcereiro d'aquelles presos que a sua iniquidade tem destinado para serem atormentados, e mortos occultamente; no qual se tem encontrado a fidelidade e boa correspondencia, que indica a posse pacifica d'este ministerio no decurso de tantos annos. E' com effeito de coração

É um caderno em quarto, ainda bem conservado, mas que mostra ter-se feito d'elle muito uso. A lettra é perfeitamente bem formada e legivel. Foi escripto com tinta vermelha, que hoje se acha algum tanto desbotada.

Esta circumstancia é digna de explicar-se. N'aquellas prisões, onde por tantos annos gemeu a innocencia e o merecimento, os presos, pela maior parte, eram privados de tinteiro, talvez pelo receio de se relacionarem uns com os outros, ou com suas familias. O auctor porém d'esta memoria excogitou um meio, que muito bem lhe sortiu, para haver tinta; e foi, lavar os pés das cadeiras, que lhe deram, pintadas de vermelho, com o vinagre, que lhe ía ao jantar; e foi com esta tinta que escreveu a historia das prisões, isto é, das crueldades, tormentos e privações, que soffreu e viu soffrer.

Á margem d'este precioso manuscripto, e no intervallo das linhas, ha emendas e correcções, e accrescentamentos feitos com tinta preta, e da mesma lettra, e isto leva-nos a crer, que o illustre marquez de Alorna, mais tarde, pôde

alcançar inteiro, ou que então revêra a sua obra depois de sair d'aquelles carceres.

A qualidade do auctor e victima ao mesmo tempo, o desejo de saber a historia de tão longos annos de soffrimentos, fizeram com que o manuscripto fosse procurado com o maior empenho, o que provam as copias, que possuem algumas familias nobres n'esta côrte, e ainda outras.

E se a classe da nobreza enriquecia as suas bibliothecas com os manuscriptos das prisões, o original d'ellas devia parar em outras mãos; e com effeito, segundo podemos saber, assim acontecêra.

O penultimo possuidor das prisões da Junqueira foi o sr. D. Miguel de Bragança, a cuja leitura se deve talvez o restabelecimento dos jesuitas, que hoje tantos serviços estão fazendo á religião sob governos monarchicos e republicanos como na Hespanha, Belgica, Inglaterra, Austria, e sobre tudo nos Estados Unidos da America. [1]

[1] Em 1834, finda a guerra, o governo constitucional estabelecido em Lisboa, chegou a negociar com os je-

N'este logar julgamos conveniente dar alguns apontamentos biographicos do auctor d'este opusculo.

O benemerito marquez de Alorna foi preso em Lisboa no anno de 1776, na sua casa, a Jesus, estando já recolhido no seu quarto, por serem horas adiantadas da noite. Tinha 25 annos de idade, e achava-se nomeado embaixador para França.

Seis mezes depois a marqueza de Alorna e suas filhas foram mandadas para o convento de Chellas.

Na Junqueira, segunda prisão, para que fora mandado, conservou-se por espaço de 19 annos, e alli teria soffrido a sorte de tantos padres e fidalgos, se Sebastião José de Carvalho continuasse por mais tempo no ministerio, como desejava com avidez pouco vulgar.

suitas de Coimbra a sua conservação em Portugal, tomando-os debaixo da sua protecção, e provendo-os de rendas bastantes. Não se realisou este desêjo do governo, por via de uma condição a que elles julgaram não dever annuir. — *Cretineau-Joli.*

Quiz a providencia, que o inimigo do clero e da nobreza fosse lançado fóra do governo; e a senhora D. Maria I bem informada da innocencia do illustrado marquez de Alorna (que nunca soube, nem antes, nem no tempo da prisão, nem depois, a causa porque o prenderam, apezar de muitas vezes instar para que o mettessem em processo!!!), mandou-o soltar por portaria de 7 de março de 1777, á qual se seguiu em 17 de maio do mesmo anno o decreto seguinte:

«Porquanto fui servida mandar, que o marquez de Alorna, quando sahiu da prisão em que se achava, se retirasse d'esta côrte, em quanto se não justificasse da mais leve culpa de inconfidencia; e requerendo-me o dito marquez a exacta averiguação da sua innocencia, ou culpa; sendo commettido este importante negocio a uma junta de ministros dignos d'elle, com assistencia do procurador da minha real corôa *foi por todos uniformemente julgado que o dito marquez se achava innocente, e sem prova por onde se podesse dizer culpado:* Hei por bem de o declarar assim para que possa ser restabelecido ás

honras e liberdades, que por direito lhe competem.

Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em 17 de maio de 1777. — Com rubrica de sua magestade.»

Por este meio tão solemne e decoroso foi comprovada a innocencia do illustre preso da Junqueira, o que ao mesmo tempo importa a condemnação mais formal das medidas arbitrarias de Sebastião José, que com tanta crueldade se arvorou em perseguidor dos que lhe levavam vantagem em saber, virtudes e nobreza.

Depois que o illustre auctor d'*estas prisões* se viu em liberdade, e restituido aos seus direitos, viveu sempre retirado em Almeirim, ou em Almada, repartindo o tempo em oração e obras pias; e para se recrear, entregava-se a observações astronomicas, por que mostrava muita paixão. A sua ultima molestia foi resultado de uma constipação durante estas observações.

Viveu até 1801, tendo a consolação de vêr nascido o actual marquez de Fronteira, seu bisneto.

A RESPEITO D'ESTA SEGUNDA EDIÇÃO

Quizemos augmental-a de varios documentos ineditos, que possuimos, não poucos; falta porém de imprensas, que correspondessem á brevidade que exigiamos, nos determinou a suspender esta publicação.

A historia do despotismo e das crueldades do Marquez de Pombal, conhece-se apenas pela rama; a philosophia d'esta historia é quasi que ignorada geralmente.

Algum trabalho sobre este ponto fará avaliar o caracter do grande sanguinario, e ao mesmo tempo quaes foram os influentes, e cooperadores que fizeram desapparecer sem forma de processos, oito mil portuguezes, que sepultados vivos nos carceres, ali falleceram á força de privações e tormentos.

Novos opusculos poderão esclarecer muito a historia de Portugal, por aquelles tempos, e desilludir aquelles, em que não dimanarem preconceitos de irreligião e de impiedade.

O governo do marquez de Pombal, verdadeiro reinado de terror e de sangue, causou mais males a Portugal, do que, por ventura se terá aprehendido e imaginado.

Dos numerosos documentos manuscriptos (muitos authographos) se poderá conhecer esta verdade.

O primeiro opusculo, que tencionamos publicar, terá por titulo o que se lê na capa.

Não faltarão provas.

AS PRISÕES DA JUNQUEIRA

I

Descripção dos carceres

N'esta prisão ha dezenove carceres; dois são quasi de todo escuros, e entre os outros ha tambem dois, que são reputados pelos peiores pela sua pequenez, e por estarem perto de um cano, por onde despejam as immundicies. Em um d'estes é a nossa habitação ha dois annos, menos apertada do que cuidavamos no principio, por conta da tarimba, que lhe construimos com as nossas mãos, sem ajuda de ninguem, para a qual nos foram dadas duas portas velhas, e licença para comprar tres barrotes.

Todos os carceres tem tres portas, duas de páo, e uma de ferro. As duas interiores costumam fecharse sómente em certos tempos de maior rigor; ordinariamente ficam abertas.

Por cima da porta ficam as janellas com duas grades, distantes dez palmos uma da outra, por ser es-

sa a largura da parede. Da parte opposta lhe corresponde um buraco redondo para a correnteza do ar, fingindo cano pela parte de fóra. Para o serviço das prisões se pratica com um corredor estreito, cuja parede, que o termina, se levantou por cima do telhado até á altura, que pareceu precisa para tirar ás janellas a vista de quaesquer objectos mais distantes. D'este modo tambem lhe tira uma grande parte da luz: e excepto em dois carceres, que se acham em posição mais vantajosa, ha em todos os outros tão debil claridade, que se não póde lêr sem candieiros. Por esta razão a maior parte dos presos, em cujo numero entrámos nós tambem, têm luz na casa perpetuamente; e se acham a estas horas com a vista bastantemente enfraquecida.

O comprimento dos carceres é pouco mais ou menos de sete passos; na largura ha mais diversidade, ainda que não muita: e todo este edificio estava tão fresco, quando para elle foram transportados os presos, que com o dedo se lhe faziam buracos profundos nas paredes.

Com isto soffreram os pobres padecentes frios insupportaveis, e uma humidade extraordinaria; mas apesar de similhante inconveniente não padeceu ninguem molestia consideravel em todo o tempo, que foi preciso para se experimentar maior secura.

Ha duas portas para o corredor da serventia; a principal é a da cosinha, e a outra não teve uso senão no principio para a introducção de alguns presos. Para esse effeito ha duas machinas de madeira

com um caixilho de painél de uma e outra parte pintado de branco, e de fórma de porfil do corredor, as quaes se põem atravessadas junto das portas dos carceres, onde se introduzem presos, para que estes em qualquer parte que os ponham, não poderem vêr ao entrar, mais nada d'ali em diante, e fiquem entendendo que estão no fim do corredor.

A utilidade, que d'isto se póde seguir ao serviço d'el-rei, o dirá o inventor; para mim não foi precisa toda esta fabrica, porque vim de noite e entrei, no carcere, ás escuras. Debaixo da minha prisão, e mais a algum espaço para a parte da terra ha tres casas subterraneas, duas das quaes servem de cemiterio, e a outra dizem que foi destinada para tratos. Emfim, por cima das prisões ficam os quartos do desembargador, do escrivão, do capellão, e dos guardas.

II

Das pessoas empregadas n'este forte para o governo e trato dos presos

Para conhecimento do caracter do desembargador basta advertir, que é um homem escolhido por Sebastião José de Carvalho, para carcereiro d'aquelles presos que a sua iniquidade tem destinado para serem atormentados, e mortos occultamente; no qual se tem encontrado a fidelidade e boa correspondencia, que indica a posse pacifica d'este ministerio no decurso de tantos annos. E' com effeito de coração

N'este logar julgamos conveniente dar alguns apontamentos biographicos do auctor d'este opusculo.

O benemerito marquez de Alorna foi preso em Lisboa no anno de 1776, na sua casa, a Jesus, estando já recolhido no seu quarto, por serem horas adiantadas da noite. Tinha 25 annos de idade, e achava-se nomeado embaixador para França.

Seis mezes depois a marqueza de Alorna e suas filhas foram mandadas para o convento de Chellas.

Na Junqueira, segunda prisão, para que fora mandado, conservou-se por espaço de 19 annos, e alli teria soffrido a sorte de tantos padres e fidalgos, se Sebastião José de Carvalho continuasse por mais tempo no ministerio, como desejava com avidez pouco vulgar.

suitas de Coimbra a sua conservação em Portugal, tomando-os debaixo da sua protecção, e provendo-os de rendas bastantes. Não se realisou este desejo do governo, por via de uma condição a que elles julgaram não dever annuir. — *Cretineau-Joli.*

Quiz a providencia, que o inimigo do clero e da nobreza fosse lançado fóra do governo; e a senhora D. Maria I bem informada da innocencia do illustrado marquez de Alorna (que nunca soube, nem antes, nem no tempo da prisão, nem depois, a causa porque o prenderam, apezar de muitas vezes instar para que o mettessem em processo!!!), mandou-o soltar por portaria de 7 de março de 1777, á qual se seguiu em 17 de maio do mesmo anno o decreto seguinte:

«Porquanto fui servida mandar, que o marquez de Alorna, quando sahiu da prisão em que se achava, se retirasse d'esta côrte, em quanto se não justificasse da mais leve culpa de inconfidencia; e requerendo-me o dito marquez a exacta averiguação da sua innocencia, ou culpa; sendo commettido este importante negocio a uma junta de ministros dignos d'elle, com assistencia do procurador da minha real corôa *foi por todos uniformemente julgado que o dito marquez se achava innocente, e sem prova por onde se podesse dizer culpado:* Hei por bem de o declarar assim para que possa ser restabelecido ás

sa a largurà da parede. Da parte opposta lhe corresponde um buraco redondo para a correnteza do ar, fingindo cano pela parte de fóra. Para o serviço das prisões se pratíca com um corredor estreito, cuja parede, que o termina, se levantou por cima do telhado até á altura, que pareceu precisa para tirar ás janellas a vista de quaesquèr objectos mais distantes. D'este modo tambem lhe tira uma grande parte da luz: e excepto em dois carceres, que se acham em posição mais vantajosa, ha em todos os outros tão debil claridade, que se não póde lêr sem candieiros. Por esta razão a maior parte dos presos, em cujo numero entrámos nós tambem, tem luz na casa perpetuamente; e se acham a estas horas com a vista bastantemente enfraquecida.

O comprimento dos carceres é pouco mais ou menos de sete passos; na largura ha mais diversidade, ainda que não muita: e todo este edificio estava tão fresco, quando para elle foram transportados os presos, que com o dedo se lhe faziam buracos profundos nas paredes.

Com isto sofreram os pobres padecentes frios insupportáveis, e uma humidade extraordinaria; mas apesar de similhante inconveniente não padeceu ninguem molestia consideravel em todo o tempo, que foi preciso para se experimentar maior secura.

Ha duas portas para o corredor da serventia; a principal é a da cosinha, e a outra não teve uso senão no principio para a introducção de alguns presos. Para esse effeito ha duas machinas de madeira

com um caixilho de painel de uma e outra parte pintado de branco, e de fórma de porfil do corredor, as quaes se põem atravessadas junto das portas dos carceres, onde se introduzem presos, para que estes em qualquer parte que os ponham, não poderem vêr ao entrar, mais nada d'ali em diante, e fiquem entendendo que estão no fim do corredor.

A utilidade, que d'isto se póde seguir ao serviço d'el-rei, o dirá o inventor; para mim não foi precisa toda esta fabrica, porque vim de noite e entrei, no carcere, ás escuras. Debaixo da minha prisão, e mais a algum espaço para a parte da terra ha tres casas subterraneas, duas das quaes servem de cemiterio, e a outra dizem que foi destinada para tratos. Emfim, por cima das prisões ficam os quartos do desembargador, do escrivão, do capellão, e dos guardas.

II

Das pessoas empregadas n'este forte para o governo e trato dos presos

Para conhecimento do caracter do desembargador basta advertir, que é um homem escolhido por Sebastião José de Carvalho, para carcereiro d'aquelles presos que a sua iniquidade tem destinado para serem atormentados, e mortos occultamente; no qual se tem encontrado a fidelidade e boa correspondencia, que indica a posse pacifica d'este ministerio no decurso de tantos annos. E' com effeito de coração

mas muitas vezes com grande perturbação. Por qualquer coisa que o penitente se dilatasse, formava o conceito, que tudo era para conversar; ralhava com os guardas; faziam-se ruidos; e procurava todos os modos de apressar e fazer inutil aquelle acto sacramental. Seguia-se tambem a isto, em algumas occasiões ralhadellas, e argumentos com os presos, em que ficava bastantemente clara a sua sem-razão; mas apesar d'isso tem sempre continuado a pretender que não haja demora, e se não trate nunca com os confessores, senão o que meramente pertence á consciencia. Quando foi do terremoto no dia dos annos da rainha, todos pediram logo confissão, e lhes não foi dada senão passados vinte e tantos dias. Alguns presos morreram sem ella, como logo se verá nos seus artigos, e quasi todos temos pretendido missa, de que estamos privados ha dezeseis annos, sem que até agora se deferisse a este justo requerimento nem sirva de nada a nosso favor o exemplo da Bastilha, onde é concedida aos presos essa consolação em todos os dias santos.

Comtudo, haverá dois annos, permitte o desembargador, que nos confessemos aos padres, nossos companheiros. Com isto tem havido mais facilidade nas confissões, sem embargo de ser para elle maior trabalho, porque vem abaixo para ser feita na sua presença a passagem do penitente, conduzido pelos guardas para a prisão do confessor. Tambem consentiu que estes padres em algumas festas mais solemnes fossem dizer missa á sua capella. Deu li-

cença ao Encerrabodes em muito segredo, por conta do exemplo, para ir em algumas d'essas occasiões com um dos barbadinhos, seu confessor; e aos mais já está promettida a communhão para o dia de Todos os Santos; mas se el-rei passar melhor de saude, sabe Deus o que será, porque temos reparado, que a benevolência ou falta d'ella n'este homem depende muito do que observa lá por fóra.

Não se tem dado communhão até ao tempo presente senão na quaresma; ou quando o medico a manda dar a algum doente de perigo. N'estas occasiões costuma vir sempre o desembargador; e quando são varias pessoas a quem se dá na mesma manhã, como succede no tempo da desobriga; se primeiro a levam a algum preso que fica mais adiante, depois d'isso para se dar ao que fica mais atraz, se põe primeiro o padre da parte da porta da cosinha, para que ao entrar se persuada o preso, que veiu direito da capella até á sua prisão, e se confirme na intelligencia de que não ha aqui mais ninguem.

N'este ponto tem havido constantemente uma observancia tão exacta como pouco ajuizada; porque além de se saber que fallamós todos uns com os outros pelas janellas e pelas portas, não ha cousa mais facil para quem conhece estas prisões, do que advertir que dentro d'ellas nenhum de nós póde deixar de saber pouco mais ou menos a situação de quem anda pelo corredor, principalmente sendo muitas as pessoas, e resando-se o *Te Deum*, como quando levam o Sacramento. Mas a isto responde o desembargador com mui-

ta fidelidade, e um instincto admiravel: Saibam-no muito embora; porém não lh'o digamos nunca nós.

IV

Economia

Sobre o governo economico ha tanto que dizer, que sem embargo da brevidade que pretendo observar, parece-me conveniente, para maior clareza fazer n'isto alguma divisão. Começarei pelo que pertence aos presos no interior de suas casas; tratarei depois do que toca aos vestidos; a que se seguirá o que respeita ao sustento, e acabarei com o trato dos doentes.

É encargo geral para todos os presos o de varrerem as suas casas, fazerem as camas, e limparem os seus candieiros, e os seus talheres; seja velho ou moço, sacerdote ou fidalgo, ninguem se póde dispensar d'este trabalho, sob pena de soffrer porcarias de toda a casta. Se alguem está doente, espera-se que tenha saude para cuidar da limpeza, e só no caso de receber os Sacramentos se costumam dar quatro breves vassouradas nas casas dos que tem embaraço, ou que foram n'isso descuidados.

No que toca ao vestido cada qual foi rompendo o que trazia comsigo, mas como se não esperava tanta dilação, e tanto aperto, quasi ninguem se proveu bastantemente do que lhe era necessario, e dentro

em poucos annos, nos foi preciso n'esta materia algum soccorro. Passou muito tempo primeiro que houvesse n'isso providencia, que comprehendesse os presos todos. N'esse espaço houve muitos que padeceram grandes miserias; o marquezito por falta de calções andou com umas ceroulas de seu companheiro o padre D. Estevão. Eu pelo mesmo motivo andei muitos mezes de capote. N'esse tempo, vindo visitar-me o desembargador, mostrei-lhe o estado lastimoso em que me achava; ficou admirado, e passou logo ordem diante de mim, para se mandarem fazer calções, da fórma que eu determinasse. No dia seguinte veiu um dos guardas perguntar-me de que os queria, respondi: que para serem precisos menos vezes, era melhor que fossem de cousa de duração; lembrei-me de tripe, e de camurça; o tripe teve logo exclusão por ser mais caro, do que admitte o pouco gasto, que se pretendia fazer com os presos. Por essa razão resolveu o desembargador dar um quartinho para os de camurça. Andaram os guardas bastante tempo n'essa diligencia, mas como em parte alguma os achasse de tão pouco preço, procuraram que eu me accommodasse com outra cousa mais barata. Durou esta contenda alguns dias, e d'este modo chegaram a passar quatro mezes, depois da ordem do desembargador, para eu poder conseguir uns calções de panno de libré de lacaio. Emfim foi tanta a penuria n'esta parte, que para se tomarem as medidas, as quaes por conta do segredo não queriam que fosse senão pelos vestidos velhos, era preciso entretan-

to ficassem os presos na cama, por não terem outra cousa com que ficassem cobertos. Foi cinco annos depois pouco mais ou menos, que começou a haver algum provimento annual. Para este effeito se pede a cada preso um rol do que lhe é necessario, com o aviso de que não ponham n.º nos artigos, por pertencer esse arbitrio á jurisdicção do desembargador; e tambem acha que lhe toca o da diminuição das especies, porque muitas coisas que se pedem não se alcançam. O que dão ordinariamente é duas camizas de panno de linho do mais grosso, e tão curtas que não passam do osso sacro. Dão dois pares de meias de linha branca, dois lenços pardos dos mais grosseiros; dão, se se pede, e ha necessidade, um par de meias de lã, uma vestia, calções, colete, roupão, e lençoes. O anno passado foi a primeira vez que me deram dois barretes, que pedi com mais força, por não ter camizas velhas de que os mandar fazer, como até então me tinha succedido; e tambem me começaram a dar e ao marquezito, gardanapo, tendo-nos remediado todos estes annos com pedaços de lençoes velhos. O mesmo succedia a todos os outros presos, excepto a tres ou quatro, a quem vieram de suas casas no principio arcas de roupa, com que passaram mais á larga. Mas como o provimento que dão, cada anno, além de ser pequeno, e da mais inferior qualidade, nos pilhou, pela maior parte, faltos de tudo, com muito pouco uso se estraga.

As mulheres e algumas das pretas sim tem en-

:argo de tomarem os pontos ás meias, deitarem 'emendos, etc., porém como tem muitas cousas, que azer, e o zelo do commodo dos presos não é nenhum, a dilação, que se experimenta nos taes concertos muito nociva á pouca roupa que fica, obrigou a quasi todos, a applicarem-se a esta casta de officio. No dia de hoje, e depois de tanto exercicio têm-se feito insignes remendões os fidalgos, que aqui se acham. Todos deitam palmilhas nas meias, todos sabem tomar malhas, cozer botões, deitar remendos, etc., e n'isso gastam, não com pouco dissabor, a maior parte do seu tempo.

No que pertence ao sustento, dizem que el-rei manda dar quatro tostões por dia a cada fidalgo, e tres aos que não tem esta graduação; assim o persuade o uso das torres, onde isso é publiço; assim o prova sufficientemente um rol da mão do desembargador, que por inadvertencia veio dentro de um livro, que este ministro emprestou a um dos prezos; e fallando-lhe eu n'isso a elle, não o confessou de todo, porque o seu systema n'esta casta de cousas é fazer sempre mysterio, mas não o negou: antes de alguma fórma o confirmou, achando o dito cruzado uma bagatella, com que se não podia fazer nada que prestasse. Tambem me disse que em alguns annos lhe tinha sido preciso pôr cem moedas da sua algibeira para os gastos d'esta casa. Porém diz a isto um dos guardas, que é mentira, e segura como testemunha de vista, que, todas as vezes que lhe é necessario algum dinheiro, não tem mais do que escre-

vêr a certo thesoureiro. e que para logo lhe vem sem a minima dilação.

Por este motivo me certificou o mesmo guarda, que era tambem falsa a difficuldade, que o dito desembargador me exagerou, para alcançar o que era preciso para os vestidos, e que é despeza separada do que se dá para os gastos.

O tal ministro n'essa mesma occasião, conforme o louvavel costume de se incensar a si mesmo, tambem me deu a entender, *que se não fosse o seu brio, e a sua consciencia excessivamente timorata,* para regeitar as opiniões de alguns doutores, a favor do seu trabalho, ainda nós passariamos com muita maior estreiteza, mas que n'esse particular tinha elle grande cuidado em mandar fazer rol á parte, do que tocava aos seus moços, e aos seus machos. Reparei em não fallar, nem de si, nem dos seus hospedes, nem das mulheres, e das pretas, e dos guardas; e este silencio me fez reverdecer a idéa, com que ando ha muito tempo, de que poderá ser que este homem se sustente á nossa custa e todas as mais pessoas que acabo de nomear, não por deliberação sua, mas por conselho de Sebastião José, para nos reduzir a maior miseria. Talvez que d'aqui proceda a diminuição no trato, que se experimenta, á medida que tem morrido mais presos. Dizem que o desembargador dá 3:200, cada dia, para á sua meza, para o gasto de todos os presos, de toda a sua familia, do capellão, dos guardas, das pretas, etc. Um guarda que despediram, e que correu muito tempo

com esses gastos, me assegurou, que d'ahi sahia tudo, absolutamente, e até remedios, e trastes para a cavalharice, quando eram necessarios.

O guarda, que agora tem esse encargo, diz, que a razão do peor trato, de que se queixam os presos, procede de ser presentemente muito melhor a meza do desembargador, do que estes annos mais atraz. Pela manhã dão agua quente, ou chá, ou leite segundo o que cada um necessita. O chá era do mais ordinario, de que se comprava um papeliço, que se deitava em uma folha velha sem tampa, e assim se ia gastando. Só nos primeiros dias sabia a chá, nos mais era pouco mais ou menos como se fosse rastolho: e agora, que já muito poucas pessoas usam d'elle, compra-se por meudo em uma tenda, e emprega-se n'isso de vez em quando 50 ou 30 réis.

Algum dia davam ao jantar sopa mal feita, vacca soffrivel, arroz mau, um guisado de carneiro grosseirissimo, um pão pequeno mal feito, amassado em casa, a fructa quasi sempre de maroto, e em muito pouca quantidade. Davam á ceia outro pão, e dois pratos, um de ervas, ordinariamente mal feitas, e outro de carne. Contra a negligencia que havia n'isto, e má qualidade das cousas ralhavam os presos e faziam as suas representações, mas não tiravam nunca d'ahi outro fructo, senão imputarem-se essas desordens ás pretas, e ao moço das compras, e continuar tudo do mesmo modo. Passados alguns annos foi crescendo o espirito economico; tiraram o prato do guisado, descobriram que era mais barata a car-

ne em Oeiras, lá a mandam buscar nas segundas o terças feiras; só n'esse dia é fresca; a outra salga-s para o resto da semana, e d'este modo estão os pre sos, ha muitos annos, como se andassem embarcados

Eu com a delicadeza do meu peito, não podia atu rar este rigor. Clamei muito tempo inutilmente, por fim de contas, pelas repetidas diligencias do mar quezito, consegui que me dessem em logar da tal vac ca salgada um bocado de carneiro.

O peixe quasi sempre é salgado; a maior parte do tempo vem aqui um barco deital-o, em algum dos dias de carne, por ser então mais barato, e ainda em cima não é quasi nunca de especie delicada.

Na quaresma, em que costuma ser mais caro, são mais raras as vezes que o dão, e em muitas quasi que não houve outra coisa senão pescada secca, ou bacalhau.

O peior de tudo isto é a falta de tempero. N'esse particular ha cães de caça mais bem tratados do que nós; e as pretas cosinheiras respondem com razão a quem as argue da semsaboria do comer: como hade ser de outro modo se lhe não dão adubos, nem presunto, nem paio com que o possam fazer mais gostoso? A irmã do desembargador respondia com mais brevidade, dizendo: que os presos não estavam aqui para se regalarem, mas sim para serem mortificados. Tudo concorre para entendermos, que até querem que as comidas nos sirvam de supplicio; e com effeito come-se mais depressa para não morrer de fome do que para satisfação do apetite.

Ultimamente, haverá com pouca differença um anno, estava eu já tão summamente enfastiado, e tão debil por não poder tragar as porcarias que me davam, que tomei a resolução, eu e o marquezito de fallarmos ao desembargador, e de instarmos, quanto nos fosse possivel, para que as nossas sopas fossem todos os dias da panella, que se faz á parte para elle. Mostrou logo no principio alguma difficuldade por conta do exemplo; mas depois de mais combatido, cedeu, dizendo que se faria o que nós pretendiamos nas occasiões, em que houvesse paio ou presunto; e desde então tem vindo bastantes vezes as taes sopas menos semsabores.

A porcaria é tambem uma circumstancia penosissima. Os pratos da casa, que são d'estanho, areiam-se sómente tres ou quatro vezes cada anno; andam quasi sempre como se fossem de chumbo; e as cassarolas e panellas da cosinha creio que nunca se estanham, nem se limpam porque o comer é sempre asqueroso, e fedorento. A differença das porções com que el-rei contribue só se manifesta nos dias de peixe, em darem aos fidalgos tres ovos, e dois aos que o não são. Em tudo o mais é uma perfeita egualdade, e de tal modo que o propheta de Leiria, que foi lacaio era tratado no tempo que aqui esteve, da mesma fórma que o conde de Obidos, e o conde da Ribeira, etc.; excepto no ovo de mais que pertence á fidalguia. Estes ovos, haverá seis annos, foram reduzidos a dinheiro; e com isso nos deram um grande allivio, porque juntamente nos ficou cedida licen-

ça, para empregarmos esse pequeno cabedal em ou
tras cousas que mais nos satisfizessem.

Quatro annos a fio passou como contracto do guar
da, que corre com os gastos, de que o desembargado
não era sabedor; mas haverá dois annos, que deix
de fazer mysterio n'este ponto, e que as nossas com
pras se fazem com mais franqueza. Eu, dos ovos qu
deviam vir nas hervas á noite, e dos do jantar no
dias de peixe, tenho pouco mais ou menos seis tos-
tões cada mez. É todo o meu cabedal. O mesmo suc-
cede com pouca differença á maior parte dos outros
presos, mas ha alguns que teem mais, porque alcan-
çaram com bastante trabalho, que lhe trocassem em
ovos alguns dos pratos do jantar. O peculio de cada
preso tem tambem contribuido para o augmento da
miseria da casa, porque muitas cousas como por exem-
plo: copos, alguns remedios, concerto de sapatos,
etc., pretendem que saiam d'elle; mas apesar d'isso
que muitas vezes o diminue demasiado, sempre nos
tem conta o contracto, pelas cousas de comer, menos
fastidiosas, que compramos.

A experiencia tem mostrado, que n'este forte, quan-
to maior é a miseria, maior é o desamparo. Os doen-
tes são ordinariamente mais mal tratados, do que no
seu estado de saude: desviam-se d'elles os guardas
muito mais; attendem menos aos seus requerimentos
e ás suas palavras de desafogo; e o aperto, e segredo
conserva-se sempre no mesmo rigor sem a menor rela-
xação. O padre João de Mattos com 80 annos, cego
de ambos os olhos, muito tardio em todos os movi-

mentos já desenganado dos medicos por causa de uma hydropisia, de que morreu, esteve muito tempo só na sua prisão, sem ninguem que o ajudasse: e deixando-lhe um dos guardas a porta aberta por acaso, emquanto se andava dando os jantares, foi reprehendido asperamente pelo desembargador, e reputada aquella desordem como motivo prejudicial aos interesses da corôa.

Nos primeiros annos depois da minha vinda para esta prisão, era tal a dureza, que quem houvesse de estar mais necessitado de soccorro deveria para esse effeito escolher as horas a que costumam vir os guardas ao corredor; porque a quaesquer outras não vinham, por mais que para os chamar se batesse nas portas, e se fizesse o maior estrondo. O Encerrabodes foi o primeiro que começou a estar doente com mais alguma gravidade; pediu medico, e como a introducção d'essa pessoa parecia escusada e contraria ao segredo, pretenderam, que se contentasse com o cirurgião Manuel Ferreira, dizendo-se-lhe que era o que me tinha assistido na torre. Não esteve por isso o Encerrabodes, e respondendo que antes queria morrer ao desamparo, do que entregar-se ao cirurgião. Seguiu-se d'ahi, passados dias, ser nomeado o nosso medico, o Pequenino, Martinho Nicolau; e impôz-se essa mesma obrigação, segundo dizem, a todos os que pelo decurso do tempo tivessem o partido da saude. O cirurgião é o tal Manuel Ferreira, a quem dão uma moeda cada mez; este é o que visita com mais frequencia os doentes. Os medicos vem poucas

vezes, ainda nas doenças mais graves; e a maior parte d'ellas, é mais depressa por ceremonia. No principio entendemos que procederia dos mesmos medicos a falta da assistencia; depois conhecemos claramente o contrario; e o marquezito queixando-se d'isso em uma occasião ao Martinho, respondeu este (dando por testemunha o guarda, que o conduzià): que muitas vezes vinha á sala do desembargador, para vêr os doentes, que lhe davam cuidado, que lhe diziam se fosse embora, porque não era cá necessario; e que nós bem sabiamos, que n'esta casa não podia elle entrar sem o beneplacito dos que a governavam.

O dito medico Martinho disse tambem ao mesmo marquezito a respeito dos remedios, que havia uns doentes, que elle curava como entendia; mas que outros não os podia curar, senão como lhe mandavam. Com effeito, se o que receitam não é muito barato, ou é alguma cousa custoso para os guardas, não se executa.

Ao conde de S. Lourenço, por exemplo, mandaram tomar banhos de todo o corpo: passou-se muito tempo, primeiro que tomassem n'essa materia algum expediente; e como não havia canoa, nem o aluguel de uma tina parecia despeza pequena, resolveu o desembargador, que se tirasse uma das tampas de um quarto de vinho velho, que havia em casa, e que tomasse ahi o conde os seus banhos. Isso foi o que se executou, a que se seguiu para accrescentar a demora, a difficuldade de conseguir a agua necessaria.

Os guardas não a queriam trazer: houve sobre isso pendencias; mas por fim de contas alcançou-se que viesse de muitos em muitos dias, e que n'esses intervallos tomasse o conde os banhos na mesma agua. Tomou d'este modo alguns com grande aperto e discommodo n'aquella especie de barril. Agoniava-se com isso infinito; e como a agua pela continuação dos banhos; e pouca largueza da vazilha, sahia meia corrupta, e empestava o corredor, assentou D. João vi companheiro n'esse tempo do conde, e elle mesmo, que lhe seria melhor até para a sua saude abster-se de similhante remedio, e evitar tanta afflicção. O medico Pascoal, sucessor do Martinho, tambem mandou que se comprasse uma celha estreita, similhante a varias, que tinha ordenado a outros doentes, para eu metter os pés, e chegar-me a agua até junto do joelho. Os guardas logo se riram da receita, e não só esta deixou de ter execução; mas muitas outras cousas que na mesma occasião mandou fazer e que se me dessem. A primeira vez que depois d'isso lhe fallei, queixei-me de que nenhuns dos seus remedios tinham sido postos em pratica. E enfadou-se muito com os guardas, dizendo, que quando tinha começado a curar n'este forte, lhe asseguraram, que tudo o que ordenasse se havia de executar: ratificou o que, havia mais tempo, tinha dito a meu respeito; mas sempre com a mesma inutilidade, e quando lhe tornei a fallar, e a queixar-me novamente, já então não fez mais do que encolher os hombros com cara de compaixão, confirmando bastantemente o que Martinho tinha dado

a entender, de os não deixar livremente exercitar seu officio.

O guarda, que despediram, me contou, que tend receitado leite de burra ao conde da Ribeira, pare ceu parvoice ao desembargador a circumstancia d ser d'esta casta de animal; e por isso como tambem por ser mais caro, mandou que lhe dessem leite d vacca aguado, e esse foi o que tomou sempre, ou d cabras. Em logar de caldo de frango, dão de galli nha destemperado com agua. Uma das mulheres, qu corre com os gastos, dizem que advertiu ao medico, que não fizesse nunca similhante receita, porque n'este forte fazia isso um descommodo demasiado, e d'esta casta de cousas, que são innumeraveis, se não podem referir, senão as que bastem para servirem de modelo.

Os doentes que chegam a padecer fastio, não tem absolutamente nenhum recurso: por mais que clamem, e se veja que a falta de comer os poderá matar, não se procura quasi nenhum modo de lhe excitar o appetite. O procurador geral da companhia, que muitas vezes se tem reduzido com isso a estado lastimoso, mandou chamar o desembargador, para lhe pedir, que em logar de jantar ordinario lhe fizesse ao menos um só prato, que tivesse melhor sabor. Fez varias explicações do que desejava: prometteu o desembargador, que seria satisfeito, e que logo passava sobre isso as suas ordens: mas sahindo d'ali, e passando pela cosinha, não disse nada ás mulheres, nem aos guardas, e ficou o pobre padre no mesmo

ıartyrio. Quando estão os doentes em perigo; então arece que todos os remedios se retardam muito mais, alguns presos tem morrido, sem se achar tempo ara se lhe fazer o que os medicos mandaram com ıastante antecedencia. Alguns tem pedido companheios, sem tirarem nenhum fructo d'esta diligencia. Eu, ıaverá sete annos, estive perdido, escarrando sangue com dôr grande no peito, que me reduziu a summa magreza, e excessiva debilidade, seguiu-se a isto rigilias, ameaços de vertigens, e algumas intercadencias de pulso: entendi que morria, e vendo-me em tano desamparo, pedi ao desembargador que me désse jualquer companheiro, que lhe parecesse, declarando que estimaria muito que fosse sacerdote para me absolver, e me ajudar a bem morrer. O meu semblante estava então um verdadeiro retrato da morte: todos os que me viam me davam poucos dias de vida, como depois me confessaram: mas apesar d'esta grande certidão dos males que me atormentavam, nunca vi cara de escarneo, como a que fez o tal ministro á vista da minha proposta: pareceu-lhe um altissimo destempero: disse-me logo que não, redondamente; e depois de me dar a conhecer quanto podia haver de mais cruel, procurou consolar-me com a certeza de que, em eu morrendo, logo os meus trastes todos, que são quasi nenhuns, se venderiam para me mandar dizer missas pela alma. Este conforto, é o que elle costuma dar a todos os doentes, e n'essas occasiões nunca deixa de exagerar muito a limpeza de mãos, e a sua boa consciencia. Apezar d'isto

Antonio da Costa Freire, que era aqui um dos mais abastados em trastes, não pôde conseguir dispor d'elles, como desejava. Tinha feito uns apontamentos, que deixou na mão do capellão do forte, em que mandava fazer algumas distribuições, com preferencia ao guarda, que mais lhe tinha assistido: não valeu de nada para o desembargador esta ultima vontade, fundado no principio de que os presos não pódem testar, o que os juristas que temos dizem, que é falso. Distribuiu os trastes como lhe pareceu por toda a sua familia; e já depois d'isso tornou a dizer que o verdadeiro herdeiro dos presos era elle, e mais ninguem: ao mesmo tempo que fazia d'estas, e as mais que ficam referidas, mostrava-se muitas vezes magnifico em palavras para dar consolação.

A Bento de Moura, estando já em termos de morrer, disse-lhe que estivesse com muito animo; porque quando para a cura da sua doença fossem precisos trinta mil cruzados, certamente se não havia de poupar; mas depois de toda esta grandeza, tendo o medico dito que o sacramentassem no dia seguinte, porque não estava para muita demora, houve sobre isso grandes duvidas por ser dia santo, e faltar animo para dar seis vintens a um clerigo, que fosse dizer missa á torre, d'onde era capellão o padre que então nos administrava os sacramentos. Em morrendo algum prezo, para logo se cuida no enterro: a maior parte tem passado para a cova poucas horas depois de mortos, e d'esta fórma, sabe Deus, se enterrariam alguns ainda com vida.

O conde de Obidós, depois de o acharem morto na ısa, e de fazerem sobre o seu corpo algumas leves ıperiencias, dentro em duas horas, quando muito, i transportado para o cemiterio. O padre Jacinto, ıe morreu pouco mais ou menos das duas para as es horas da tarde, seria enterrado pelas oito, e os ıtros vão com pouca differença, por este theor. Deɔis de se dar cabo de algum pobre padecente, diɜm que costuma o desembargador fazer uma dearação por escripto, em que se expressa, que com ısistencia de medico e cirurgião, com o soccorro de dos os medicos, e administração dos Sacramentos; orreu o preso F. em tal dia, etc., e que estes paɔis, pela serventia que podem ter para o futuro, os ısigna elle, e os faz assignar pelo capellão, pelo rurgião, e pelos guardas. Mas, excepto o cirurgião, o mesmo desembargador, todos os mais poderá ser ue não tenham duvida de attestar o contrario, e de ɔncordarem com os presos, que escaparem d'este abalho.

IV

os intervallos de allivio que a Providencia Divina deparou, e de outros de apertos que com esses andavam alternados.

No principio houve aqui um moço, chamado Doıingos, natural de Traz-os-Montes, creado do desemargador, a quem este ministro tinha encarregado o 'ato dos presos, que era de um genio compassivo,

e de uma bondade natural admiravel. Continuamen
estava empregado em animar, e consolar estes a
flictos, e como a muitos d'elles o cuidado das su
familias era o que mais os atormentava, chegou
tanto a sua caridade que aos mais angustiados pr
curou logo noticias dos seus parentes. O bom su
cesso das primeiras empresas o afoitou para outr
maiores: todos os que tinham casa receberam d'es
modo toda a casta de allivios; e assim dinheiro c
mo coisas de comer, remedios, trastes, etc., de tud
tiveram n'esse tempo abundancia. Constava-lhe quan
to lá por fóra se passava, alcançavam gazetas, folhe
tos e outros papeis publicos. Por este mesmo moç
se communicaram todos os presos por escripto, e tam
bem depois se visitaram uns aos outros de noite,
nas occasiões em que o desembargador saía fóra o
estava occupado com visitas. A difficuldade que sem
pre houve para se administrarem os Sacramentos
fez lembrar mandarem-se vir ornamentos e mais coi
sas necessarias para se dizer missa. Os theologos
que aqui havia decidiram a possibilidade de se le
vantar altar, e celebrar-se o sacrificio ás horas des
usadas: isso se praticou muitas vezes com felicida
de; mas como por conta das correspondencias, nã
era possivel que infinitas pessoas deixassem de serem
sabedoras d'estes segredos, é de admirar, que se nã
fizessem publicos mais depressa, e que chegasse a
durar esta boa fortuna anno e meio. Chegado este
termo foi preso o moço Domingos, um seu irmão,
um frade leigo, as irmãs de Gonçalo Christovão,

ı parente de Antonio da Costa Freire, dois creas do Encerrabodes, e talvez mais ainda algumas ssoas de que não tivemos noticia.

Todos os presos foram mudados, excepto alguns dres, eu, e Manuel de Tavora, que tinhamos vin havia 15 dias, e que como novatos não eramos nda participantes dos allivios. Gonçalo Christovão, seu sobrinho João Bernardo foram postos nas cas escuras. O Encerrabodes, tambem o metteram n uma das mais sombrias, e com estes tres se pro deu d'essa fórma por sciencia certa, parecendo inu toda a indagação em castigo de terem corrompi o moço, como o desembargador deu depois a en nder; sem embargo de ser certissimo, que quando ıalquer d'elles aqui chegou, já todas as franquezas ima ditas, estavam estabelecidas. Os outros prêsos ram tambem postos em mais aperto; fecharam-se das as portas de cada prisão por muitos dias. Os uardas tiveram ordem para virem sempre juntos a da a parte, para d'esse modo se evitarem conversa ões e corrupções, e assim se conservaram alguns dois nnos.

Os presos n'este estado de tristeza, não podiam eixar de recorrer a outro modo de desafogar o ani 10, que a fórma d'estas prisões lhe apresentava; omeçaram a fallar pelas janellas e algumas vezes elas portas. Para a conducção das vozes dava bas nte facilidade o muro do corredor: no principio zeram isso mais a medo: pouco a pouco foram to ıando resolução, e já teriam passado perto de tres

annos, quando o desembargador entrou na empreza de reduzir tudo á silencio. Começou a metter medos e a mandar fazer ameaços pelos guardas. Fazia isso por algum tempo o seu effeito; mas o segredo perpetuo, sendo tão iniquo, e excedendo tanto as forças da natureza, a poucos passos tornava a pôr-se tudo como d'antes. Cresceu com isto o furor do desembargador, veiu a baixo, e a primeira casa que investiu foi a do conde de São Lourenço, a quem quiz fazer prometter não tornar mais a fallar pelas janellas: o conde respondeu que só poderia fazer essa promessa no caso de lhe darem companheiro. Não esteve por isso o ministro, e em castigo o mandou metter na casa junta do cano das immundicies, onde tambem ficava mais desviado dos presos com quem costumava conversar, e só com D. João VI o podia fazer commodamente.

Foi n'essa mesma occasião a casa d'este ultimo, que tratou com grande insolencia, fallando-lhe por vocé, e remedando-lhe o seu modo de fallar; e até intentou que os barbadinhos, que depois de juntos na mesma casa observaram sempre as regras da sua religião, não cantassem psalmos e outras orações, como era o seu costume.

Passados dias deu outra investida á casa de João de Tavora, a quem disse com muita arrogancia, que já tinha dado parte a s. ex.ª das desordens que elle commettia n'este forte. O P. João, que estava justamente escandalisado, de que no tempo em que mais o animava o zelo do serviço de el-rei o pren-

ssem sem motivo, que particularmente lhe pertensse, e o fossem buscar a Traz-os-Montes, para o terrarem vivo n'esta prisão, perguntou primeiraente quem era aquella ex.ª; e dizendo-se-lhe que a Sebastião José, rompeu em furor: que esse hoem não fazia senão enganar el-rei, e desacredir na sua presença as pessoas de bem; que merea ser castigado, e outras coisas d'esta casta, sem assar nunca a nenhumas, que offendessem a mais inguem.

O desembargador retirou-se promettendo grandes oisas. Passaram-se onze dias sem novidade; porque 'este tempo esteve doente o primeiro ministro. No m d'elles assentando-se que por ter João proferido alavras contrarias ao respeito de tão sagrada pesoa, estava incurso no crime de fallar do governo, merecia ser castigado, foi mudado por isso para ıma das casas escuras, d'onde tiraram o sobrinho de Gonçalo Christovão, deitaram-lhe grilhões aos pés, algemas nas mãos, e depois de bem seguro, foi o desembargador com uma mordaça na mão dizer-lhe, que tendo dado parte a el-rei do seu delicto, era o mesmo senhor servido ordenar-lhe aquella pena, que estava recebendo; e além d'isso lhe mandava dizer, soubesse, que já não era fidalgo, e que, se fallasse, o *mandaria queimar da mesma fórma que se tinha feito aos outros em praça publica*. O desembargador, para se mostrar observador exacto das ordens, falou-lhe logo por mercê. Não lhe pôz mordaça, fingindo compaixão; mas ordenou que o fizessem jejuar

a pão e agua oito dias; o que com effeito se executa
ria sem discrepancia, se alguma das pretas não pro
curasse moderar com a sua caridade tanto rigor.

Passado mais de um anno o conego José Maria, a
quem pelo genio ardente não podiam deixar de faze
demasiada impressão tantos trabalhos, começou a
manifestar alguma offensa nos miolos. Investiu com
um dos guardas; e logo com desproposito bastant
para se conhecer o mal que o movia; esse conceit
fizeram todos, e os mesmos guardas; mas apesa
d'isto e certificar o medico, que necessitava de san
grias e outros remedios, que atalhassem o progress
da queixa, foi na primeira furia que se seguiu tra
tado com muito pouca compaixão. Veiu depois abai
xo o desembargador, acompanhado do escrivão e do
guardas; não perguntou nada como é o seu costume
nem ainda por ceremonia. Mandou ao conego, com
grande imperio, que se sentasse no chão para se lh
deitarem grilhões: o conego todavia, assim mesm
perturbado da cabeça, protestou contra aquella vi
lencia, allegando os seus direitos ecclesiasticos. Nad
lhe valeu, foram deitados os grilhões, e depois d'est
bella operação, fez-lhe o desembargador uma prati
ca muito seria sobre a representação real dos guar
das; em que disse muito destempero. Esta foi toda a
cura do pobre doente. Tambem o fizeram jejuar al
guns dias, e ficou no mesmo segredo, e no mesmo
desamparo, que o tinha feito endoidecer.

Estes casos, que a todos nos penalisavam, pelo que
respeitava particularmente aos padecentes, tambem

nos melancholisava muito pelo que tocava ao commum; porque d'este modo crescia o imperio do desembargador, a grosseria dos guardas, e manifestava-se cada vez mais a dureza da nossa sorte.

N'esta desconsolação passámos perto de um anno; em cujo intervallo teve o conde de S. Lourenço uma molestia grave, que obrigou o desembargador na mais extrema necessidade, e depois de muito tempo de martyrios, a dar-lhe por companheiro o padre João VI, que com o mais fervoroso affecto o tinha requerido. Por conta d'isto, e pela pequenez das casas, que qualquer d'elles habitava, passaram-nos para a em que tinha morrido o conde da Ribeira; e como n'esta muitos annos a fio só a grade se fechava por ordem do medico, attendendo á asma do dito conde, e á necessidade que tinha de ar mais livre, a fechadura da porta por falta de uso encheu-se de ferrugem, não podendo dar volta á chave; e quando para lá foi o conde de S. Lourenço, fecharam-lhe sómente a ultima porta de dentro. Para a abertura d'estas, sem embargo de terem um ferrolho pela parte de fóra, tinha-nos deixado Bento de Moura um bom arbitrio; lembrou-se d'elle o conde depois de estar restituido; fizeram-se varias provas com bom fructo e crescendo cada vez mais o appetite de alguma liberdade, augmentando tambem no conde com as repetidas instancias do marquezito, que era então o seu visinho mais chegado, resolveram-se a fazer-nos a todos uma visita, logo pouco depois do jantar, quando principiava o maior intervallo em que os guardas costuma-

vam deixar de vir ao corredor. Tivemos com esta b
fortuna grande gosto, misturado com muita compa
xão; porque a maior parte pareciam desenterrado
e eu n'essas peiores apparencias, fui de todos o q
causei mais espanto, estando ainda pouco convale
cido dos achaques, que me reduziram a estado last
moso. Continuamos todos os dias, a tomar este me
mo desafogo; e passou-se um mez, primeiro que n
surprehendesse nenhum guarda.

Antes d'isso creio, pelo demasiado ruido, que s
percebia, logo nos primeiros dias, a novidade. As
sim o fez suspeitar a primeira surpreza, porque nã
resultou d'ella nenhum aperto: só passados dias, fe
charam a porta da grade do conde de S. Lourenço
mas como desde as primeiras sahidas houve vario
que procuraram modo de abrir as suas portas, e co
pouca difficuldade o descobriram: foi continuando
liberdade apezar das ralhadellas e ameaços dos guar
das, de que se não seguiram nenhumas consequen
cias.

O procedimento do desembargador tambem confir
mou bastantemente, que usava de dissimulação n'es
ta materia. Passaram-se tempos dilatados sem vir,
como costumava, ao corredor: alguma vez que vi
nha, era a horas em que nos não podia encontrar:
mandou em algumas occasiões um guarda adiante,
para fazer recolher os que andassem desgarrados;
e como as mulheres, as pretas e toda a gente d
escrivão não ignoravam o que nós faziamos, parec
infallivel que não fosse occulto ao dito desembarga

lor, nem que este quizesse tomar sobre si uma coisa d'esta casta, e não désse parte ao governo.

Esta nossa liberdade teve a conveniencia de nos fazer passar a vida com menos trabalho. Os que estavam molestados, restabeleceram-se com brevidade: os que de novo adoeceram, eram incomparavelmente mais bem assistidos, e recebiam frequentes soccorros espirituaes e temporaes. A experiencia mostrou, que se não seguiu disso o menor inconveniente; mas apesar d'esta verdade, e das apparencias de conhecimento acima ditas, assentou-se por certas pretendidas desordens, que este desafogo de que ninguem foi arguido, durasse sómente 4 annos e 3 mezes. Chegada esta altura, veiu abaixo o desembargador com pretexto affectado: apanhou-nos a todos com as portas abertas, mostrou-se quasi nada admirado; e com muito menos ferocidade, do que se esperava, tirou uma leve informação do modo com que abriamos as portas, como que não procurava inteirar-se muito do caso. Disse que não podia consentir em similhante desordem; mas se algum de nós, de vez em quando, quizesse passar uma tarde com outro companheiro, não haveria duvida da sua parte em consentir n'este leve divertimento. D'isto se aproveitou o marquezito pedindo-lhe licença, para me visitar todos os dias; respondeu, que não só isso; mas que o poria na minha companhia: o marquezito acceitou; mas depois se viu que toda aquella franqueza procedia de entender o desembargador, que o rapaz não quereria largar o seu antigo companheiro o P. D. Este,

vam, porque depois pregou-lhe contra a mudança, houve n'essa materia varias palavras trocadas, q deram a conhecer a má vontade. O dito desemba gador mandou logo fazer ferrolhos, para se pore pela parte de fóra nas portas de cinco presos q lhe pareceram mais culpados; em cujo numero entr eu. Passaram-se 40 dias sem se pregarem. N'ess espaço, e com afflicção dos novos apertos de que e tavamos ameaçados, deu uma paralysia na lingua João de Tavora, e talvez com alguma offensa na ca beça, porque juntamente com a mudança de voz tam bem a teve grande no genio. Manuel de Tavora re quereu que o passassem para a sua companhia, que logo se executou: e um dia que o desembarga dor o foi vêr, pediram-lhe os dois irmãos, quizess permittir que Nuno de Tavora os viesse visitar par se consolarem uns com os outros. Respondeu sec camente que não, porque não era necessario: e aqu se viu, assim como em varias outras occasiões, qu a facilidade que mostrou a respeito das visitas, er sem olhar para o futuro, e sómente para que o ti vessem por benigno.

No dia que se deitaram os ferrolhos: pedi mudan ça de casa, que me foi logo concedida, e requeri tam bem a companhia do marquezito. Respondeu o des embargador, que o rapaz não queria largar de ne nhum modo o seu antigo companheiro. Repliquei com boas noticias contrarias: o rapaz da sua part fez tambem todo o esforço possivel; e como o mi nistro foi o primeiro que lembrou a tal mudança

fferecea, não teve mais remedio do que dar o seu
sentimento. Os que não ficaram ferrolhados, foi
possivel usar das mesmas habilidades, que moti-
'am os novos apertos, mas não se atrevem a to-
r essa liberdade, senão nas occasiões em que sae
a o desembargador, e ainda assim com tanta mo-
:ação, que pouco allivio chegam a receber. Estas
) as noticias geraes, com os casos precisos para cla-
ta do que se queria dar a conhecer, e agora pas-
remos ás noticias particulares de cada preso, em
.e se encontram coisas bastantemente curiosas.

V

Dos barbadinhos italianos e de mais algumas pessoas involvidas no mesmo caso

Para as noticias que pertencem a estes padres, é
reciso começar de muito mais longe; e sem isso não
carão bastantemente claras as razões, que ha a seu
ıvor. Contam elles que succedendo o terremoto, e
ssentando os seus religiosos, que pelo que deviam
nossa côrte, estavam obrigados primeiro que tudo,
procurar saber d'el-rei e de toda a familia real,
oi encarregado d'essa diligencia o P. Illuminato:
hegando a Belem fallou a el-rei e á rainha, que
ı intertiveram por largo tempo com grande benigni-
lade, e lhe fizeram varias perguntas sobre os diver-
ıos effeitos dos terremotos, por ser em Italia mais
requente a repetição d'esse phenomeno. Confessou

n'essa occasião muitas pessoas do paço, e passa dias, constando por Ferraci ao P. Clemente, que rei estava muito melancolico, excitou no dito esta noticia uma grande vontade de o consolar. I a Belem para esse effeito: fallou a el-rei, e sa da sua presença muito satisfeito, por lhe parecer q tinha conseguido grande parte do que desejava.

No dia seguinte lhe mandou dizer David Pe pelo mesmo Ferraci, que depois d'elle sahir do pa o tinham vindo procurar á sua barraca da parte rainha: isso obrigou o P. a voltar a Belem: n fallou n'essa occasião a el-rei, nem á rainha; m o marquez de Angeja, que estava de semana, l disse que suas magestades ordenavam que escolhes dia para dar no paço principio a uma missão. Esta do-se n'esse exercicio piedoso, correu o boato q queria el-rei passar para o campo de S. Clara. Ve por isso Martinho Velho offerecer-lhe as suas c sas, e juntamente *offereceu a el-rei milhões, deu arbitrio para se descobrirem os que fossem n cessarios para a reedificação da cidade.* Disse-l el-rei que fallasse n'aquella materia com Sebast José; respondeu, pedindo licença para não execu aquella ordem; porque *com tal homem* não que nenhum trato: e averiguados os motivos, disse Ma tinho Velho muitas cousas, entre as quaes se ach vam grandes *desarranjos* da fazenda real. El-r mandou que pozesse tudo por escripto, e que dep lhe fosse apresentado. Para esse effeito se valeu Ma tinho Velho do letrado Francisco Xavier, e concl

o • papel e levado a el-rei, disse S. M. ao mesmo lartinho Velho, que o entregasse ao P. Clemente. fostrou este P. grande repugnancia de o acceitar. tespondeu ao dito mensageiro, que quizesse dizer a l-rei, que não tendo querido nunca metter-se com s negocios da sua religião, desejava muito que S. 1. o livrasse de negocios temporaes. Contra isto arumentou Martinho Velho muitos dias, procurando ersuadir ao P. os grandes proveitos espirituaes, que e seguiriam da sua docilidade n'esta materia.

Não cedeu o P. inteiramente ás suas instancias; nas depois de muito perseguido, consentiu em ouvir er parte do tal papel, e o que bastasse para dar aluma resposta a el-rei em execução da sua ordem. A primeira vez, que foi a Belem, fallou a el-rei sobre varias coisas, e no fim lhe disse, que tinha visto o papel; e que se era verdade o que n'elle se dizia, não podia haver duvida que S. M. vivia bastantemente enganado. Tambem lhe pediu da parte de Martinho Velho, que o papel não passasse á mão de Sebastião José: e ao que el-rei respondeu que não passaria: e o P. continuou a ir ao paço para procurar a conservação do fructo da sua missão, e aproveitar-se da bondade com que el-rei o tratava, para aquelles requerimentos, que pareciam proprios do seu estado.

N'este tempo recorreram as freiras de Marvilla, para que quizesse pôr na presença d'el-rei, que tendo-as obrigado o terremoto a sahir do seu convento, e a abarracarrem-se em uma terra visinha,

onde estavam com descommodo e indecencia, o d
embargador José Pinheiro de Lima e Aragão, n
queria largar umas casas pertencentes ao seu m
teiro, onde pretendiam recolher-se todas, ou ao m
nos uma grande parte da sua communidade. E
rei passou logo as suas ordens a favor das freiras
o desembargador sahindo das casas, escreveu á a
badessa com grande enfado, e algumas expressõ
que pareciam ameaço.

Tambem o dito P. valeu a uma viuva do cons
de Veneza, parenta de um barbadinho e morado
em Cintra, a quem o juiz de fóra d'essa terra tinh
feito a violencia de se apoderar de parte de su
casas. Estas diligencias não podiam deixar de s
aborreciveis a Sebastião José, pelo empenho que t
dos lhe conhecem, de que el-rei não seja inform
do por mais ninguem. As missões tambem se sab
que foram sempre os objectos do seu odio; e no tem
po em que o P. Clemente fez no paço a que se di
se, foi grande o desgosto d'este ministro, e não pô
deixar de o dar a conhecer ao nuncio Axioli, co
tal colera, e promettendo taes vinganças, que par
cendo ao dito nuncio quasi infallivel a perda d
barbadinhos, os avisou para que se precatassem
Para satisfação das suas más vontades, lhe deu
poucos passos Martinho Velho grandes meios co
aquella ligeiresa, que anda annexa a muita vaidad
e communicou a varios amigos o seu projecto, e
que se lhe representava com apparencias de boa a
ceitação e valimento.

Fr. Manuel de Guimarães que foi um dos confidentes, escreveu logo ao Encerrabodes, dizendo-lhe, que o desejava muito ver no logar de Sebastião José; e para esse effeito trabalhava com grande força; elle, Martinho Velho, dois barbadinhos, e varios outros, em que parece que entrava Diogo de Mendonça e monsenhor Araujo.

Esta carta, e mais algumas similhantes foram interceptadas no correio, com ellas se transtornou na mente d'el-rei tudo o que até ali se tinha trabalhado. Foram logo presos Martinho Velho, o P. Guimarães, o letrado Francisco Xavier, e Manuel Antonio do Gradil. Os barbadinhos de toda a parte tiveram avisos, que tambem os prenderiam. Podiam fugir se quizessem; mas não sentindo nada que lhe gravasse a consciencia, não tomaram esse partido.

Foram com effeito presos fr. Clemente em casa do corregedor do Rocio, e fr. Illuminato na do corregedor do Mocambo: passados dias começaram a fazer-lhes perguntas, servindo de ministro D. Luiz da Cunha Aragão, e escrivão o nosso desembargador. N'esta diligencia se empregou toda aquella impertinencia astuciosa, que indica mais depressa o desejo de achar crimes, do que vontade de satisfazer bem e moderadamente o que mandam as leis. O forte do interrogatorio consistiu, em se averiguar se eram sabedores de uma conjuração armada, para a ruina de um dos principaes ministros, que despachavam com el-rei. A este respeito foram os padres ameaçados de grandes tormentos, e de se proceder

com o ultimo rigor: foram confrontados com u criado de Martinho Velho, para se examinar se n barraca que este tinha na cêrca dos barbadinhos estiveram algumas vezes fechados com elle. O t creado dizia, que lhe parecia que sim; e o P. Cle mente provando bastantemente, que nunca estev em um gabinete da dita barraca com a porta sómente cerrada, senão poucos minutos, quando confessou o dito Martinho Velho. Conveio n'isso o dito criado, e tambem, que o mesmo gabinete era quasi aberto por outras partes, onde havia gente, que podesse ouvir o que n'elle se dizia. O P. Illuminato tambem provou tudo o que podia fazer a seu favor; e como a barraca era pequena, dividida por dentro com pannos de raz, cheios de buracos, que facilitavam muito a passagem da voz. Appelava para o que dissesse o resto da familia numerosa de Martinho, porque estava certo, que todos diriam não ter tratado com elle, senão de cousas espirituaes, excepto uma vez só, que este homem lhes deu noticias do papel, que estava fazendo por ordem de el-rei, a respeito do qual lhe deu o P. grandes conselhos de prudencia, e sobre a exacção da verdade.

Tambem foram acareados com frei Manuel de Guimarães por conta da carta para o Encerrabodes. Pediu-lhe o P. Clemente, que declarasse o que havia na materia, e dissesse, se nunca tratou com elle cousa alguma do que se podia colher dadita carta: confessou que não: e que a tinha escripto, como se estivesse bebado, dando a entender, que quiz adian-

escommodo inexplicavel. Além d'isto do muito concorria de toda a parte uma praga immensa de arganezes, contra a qual era preciso ao padre dormir sentado com um páo na mão para se livrar d'estes animaes, que por todos os lados o investiam. Clamou o adre para que o mudassem para outra habitação, mas nunca foi deferido, e o conservaram n'esta mesma dois annos e sete mezes.

N'este espaço veio-lhe ao pensamento, que não tendo nunca dito o que passava com el-rei, e percebendo a esse respeito grande desconfiança nos ministros, poderia isso causar-lhe prejuizo, pretendeu confessar-se com o P. José Moreira, para que soubesse de S. Magestade se podia declarar o que havia n'este ponto: não teve nenhum despacho esta supplica, mas passado tempo, e depois de varias reflexões, resolveu-se o padre a fazer a sua declaração, em que disse o que fica referido no principio d'este artigo.

Foi esta resolução muito bem recebida: os ministros deram-lhe abraços e parabens, como se a sua felicidade dependesse de similhante confissão; mas apezar d'estas bellas apparencias foram transportados para este forte, juntamente com os mais presos da quinta do meio, e pateo dos bichos, e n'elle se acham ha dezeseis annos, padecendo com os outros, e vivendo com summa edificação. Um dos maiores tormentos que os affligiu n'este ultimo poiso foi verem nos papeis publicos, que aqui appareceram, impressos na secretaria de estado, que n'elles se contava, q [illegible] dres da companhia introduziram os bar-

varias vezes com bastante impertinencia, para saberem o que havia na materia. Já n'este tempo os padres costumados á frequencia dos sacramentos tinham pedido varias vezes o da confissão, sem que de nenhum modo lhe quizessem deferir a este justo requerimento; e o Illuminato parecendo-lhe pelo máo modo, e continuados enganos n'este ponto, que absolutamente o privavam de um tão importante soccorro, tomou a resolução de fugir.

Bem se sabe que foi apanhado na Beira e remettido para esta côrte; quizeram envergonhal-o com a fugida, na primeira occasião que houve de perguntas, mas o P. foi quem envergonhou os ministros dizendo, que não era da justiça, que se tinha desviado, porque não tinha d'ella nada que temer; que a impiedade de o privarem do que se não nega em terra de barbaros, é o que o tinha feito fugir; e que faltando-lhe um meio tão necessario para a salvação, estava obrigado a approveitar-se da occasião, que Deus lhe deparou para se livrar de uma tão horrorosa tyrannia. Continuaram as perguntas por algum tempo a um e a outro padre e concluida essa diligencia os passaram para o poder do nosso ministro, então corregedor de Belem. Ambos foram postos em prisões horrorosas, e da mesma fórma fr. Manuel de Guimarães. A. do P. Clemente era uma casa subterranea muito humida, e muito fria, ficava-lhe por cima a cozinha do escrivão do crime, com um sobrado muito arruinado, d'onde cahia continuamente poeira, caruncho, aguas sujas, etc. que causavam um

əscommodo inexplicavel. Além d'isto de noite con-
ɔrria de toda a parte uma praga immensa de arga-
ıezes, contra a qual era preciso ao padre dormir sen-
ado com um páo na mão, para se livrar d'estes ani-
naes, que por todos os lados o investiam. Clamou o
ɔadre para que o mudassem para outra habitação,
nas nunca foi deferido, e o conservaram n'esta mes-
ma dois annos e sete mezes.

N'este espaço veiu-lhe ao pensamento, que não ten-
do nunca dito o que passava com el-rei, e percebendo a esse respeito grande desconfiança nos ministros, poderia isso causar-lhe prejuizo, pretendeu confessar-se com o P. José Moreira, para que soubesse de S. Magestade se podia declarar o que havia n'este ponto: não teve nenhum despacho esta supplica, mas passado tempo, e depois de varias reflexões, resolveu-se o padre a fazer a sua declaração, em que disse o que fica referido no principio d'este artigo.

Foi esta resolução muito bem recebida: os ministros deram-lhe abraços e parabens, como se a sua felicidade dependesse de similhante confissão; mas apezar d'estas bellas apparencias foram transportados para este forte, juntamente com os mais presos da quinta do meio, e pateo dos bichos, e n'elle se acham ha dezeseis annos, padecendo com os outros, e vivendo com summa edificação. Um dos maiores tormentos que os affligiu n'este ultimo poiso foi verem nos papeis publicos, que aqui appareceram, impressos na secretaria de estado, que n'elles se contava, que os padres da companhia introduziram os bar-

barbadinhos na paço para as suas conveniencias. Que o P. Clemente fôra encarregado por elles para prégar contra a companhia do Maranhão, e que assim o tinham deposto os mesmos barbadinhos no seu processo. Os pobres padres ficaram attonitos á vista de similhante falsidade; attestam que nunca sobre tal materia se lhe fez a minima pergunta; e vendo um testemunho d'esta casta, justamente receiam, que levantassem muitos outros eguaes, ou ainda maiores.

N'esta prisão tão apertada, e com tal embaraço para punirem pela verdade, não se consolam com a circumstancia de estarem então os padres da Companhia com todos os confissionarios do Paço, e nada necessitados do soccorro alheio, nem com o conhecimento que todos tem de não ser formada a companhia do Maranhão, senão depois da sua prisão: nem tão pouco de não haver pessoa alguma, que lhe ouvisse em particular, ou em publico nada de especie similhante; porque n'estes factos, e n'estas epocas, a maior parte da gente não fará bastante reflexão. A dclaração, que lhe imputam, parece-lhe mais forte do que tudo, e como a assignação das perguntas, foi sempre muito em baixo, ficando espaço branco dilatado, onde podiam accrescentar o que quizessem, suspeitam, que n'esses intervallos vazios se introduzirám grandes falsidades; e além d'isto tambem se lembram, que até nas coisas que diante d'elles se escreveram, se expressavam de um modo torcido e susceptivel de diversos sentidos, contra o

qual protestaram os padres inutilmente muitas vezes. Emfim, com os outros presos se praticou isto mesmo, como logo se verá nos seus artigos. Todos elles, pelo modo feroz com que se faziam as perguntas, era natural que padecessem perturbação: até os tratavam com aspereza, se queriam lêr o que se lhes mandava assignar, para esse effeito se lhes determinava o logar; e n'estes termos os processos ao menos nas laudas onde houver assignaturas, parece, que devem ser bastantemente suspeitosos.

Fr. Manuel de Guimarães, e Martinho Velho fizeram aqui penitencias asperissimas. Este ultimo, e o letrado Francisco Xavier já tinham ido para Angola, quando eu vim para este forte; e consta que quando, annos antes, foram sentenciados a esse degredo, pretendeu-se na junta de ministros, formada para isso, que o dito letrado fosse morto na prisão. O Aragão, que contou isto, presava-se de ter conseguido isto com a sua opposição a similhantes actos occultos de justiça a pena mais moderada, que foi depois imposta. Poderá ser á vista d'este facto, que o mais fosse verdade, e para isso tambem concorrerem algumas razões antigas, que bastamente o persuadem. Fr. Manuel de Guimarães portou-se nas perguntas com um desembaraço extraordinario; foi sentenciado por toda a vida para uma torre, e dizem que foi para a de S. Julião, poucos dias depois de eu aqui chegar.

VI

Dos padres da Companhia

É muito de admirar, dizendo-se que alguns d'estes padres tinham sido os principaes motores da pretendida conspiração, formada contra el-rei, que os não prendessem senão nas vesperas das execuções, quando a sentença, que assim o segura, estaria talvez impressa, e que nenhum d'elles fosse perguntado, excepto o Malagrida, dois annos depois, por motivos muito alheios d'este facto, como logo se verá. O nosso desembargador algumas luzes exquisitas nos deu n'esta materia; porque informando-se do Encerrabodes, sobre o conceito que se tinha formado da tal sentença nos reinos estrangeiros; e dizendo-lhe este que vira fazer reparo a muita gente de não terem sido confrontados os padres da companhia com os executados, respondeu: que se julgára essa diligencia desnecessaria, visto que na America tinham já lançado aquelle cordão: o Encerrabodes ficou pasmado, e tambem pareceu estranho aos mais jesuitas, nossos companheiros, que por conta de um crime, principalmente não ainda litigado, parecessem escusados aquelles meios, que todos acham necessarios para a indagação de outro crime, e em que se comprehenderam pessoas de diverso estado: porém seja como quizerem: os padres de que tratamos, quando foram presos, saíram dos seus conventos

quasi todos aos pares, e assim se conservariam na maior parte dos do meu conhecimento, se a morte de alguns não causasse n'isso as alterações, que mais abaixo se verão.

O P. José Moreira, que teve sempre por companheiro o P. João de Mattos, dentro em pouco tempo começou a fazer-se pateta: era tratado como creança, se pretendia algum destempero, ou se teimava a não querer o que lhe convinha. Nos unicos intervallos, que ás vezes teve, de bastante duração, sentia o pezo d'estes trabalhos com aquella paciencia e moderação religiosa, que se podia esperar da sua virtude, e do seu conhecimento do mundo. No que toca, ao que recebia de el-rei, padeceu as inclemencias, a que todos os outros estão sujeitos; mas no que pertencia aos soccorros que podia encontrar no seu companheiro, não lhe faltou nada do que cabia no possivel; e na primavera do terceiro anno de prisão teve uma doença nada apressada, de que morreu com todos os Sacramentos, e grandes signaes de santidade, *protestando a sua innocencia, e da sua amargurada religião*, segundo o que podia alcançar o seu entendimento.

O P. Malagrida esteve muitos mezes só, em uma d'estas prisões, e d'ella o tiraram para a companhia do P. Pedro Homem, quando veiu Bento Moura; a paixão que tinha pela sua religião, e o mau trato que esta estava experimentando o affligia em summo grau: offereceu-se a Deus para padecer grandes tormentos, a troco de alcançar esta restauração, e fazia por con-

ta' d'isso penitencias formidaveis. Uma d'ellas, e talvez a que lhe seria mais prejudicial á saude, era de estar muitas hóras a fio na oração mental em postura violenta, e com a cabeça posta no chão, no tempo em que estas casas de paredes tão grossas, acabadas de fazer, continham em si um frio e uma humidade insupportavel. Com isso, pelo que depois se lhe percebeu, junto com a ardencia de seu temperamento, e motivos de maior alteração, entende-se, que se lhe perturbaria o entendimento, e começou a ouvir uma voz, que continuamente lhe fallava. N'este particular houve diversidade de opiniões entre os theologos d'este forte: uns em que entrava o P. Mattos e o P. Homem julgavam que seria verdadeira inspiração, e os outros confessando a grande virtude do padre, pendiam mais para effeito de loucura.

O mesmo padre não podia decidir-se entre esta variedade de conceitos. Não duvidava com muita humildade, que estivesse louco, ou illuso quando fallava com os que eram d'esse parecer. Estava prompto para lhe obedecer em tudo o que mandassem, e espreitando-o o Domingos, um dia que o seu companheiro tinha ido fazer uma d'aquellas visitas occultas, em que já fallámos, o viu estar no meio da casa, virado para a janella, e perguntando — *Quem me chama? Quem me falla? O meu confessor diz-me que não faça caso d'isso.* Os de parecer contrario destruiam todo o adiantamento, que o padre fizesse por este caminho: a poucos passos tornava a dar

ssenso á voz que lhe fallava: com isso entrou a pro-
etisar com grande abundancia; algumas cousas se
erificaram, mas muitas não, e os mais especulati-
os, e parciaes da inspiração, tudo interpretavam de
nodo que favorecia o seu partido. Houve n'esta ma-
eria batalhas religiosas, de que se não seguiu, senão
icar cada um com maior tenacidade afferrado á sua
pinião, e o padre conduzido pela voz começou a es-
rever a vida de Santa Anna. N'essa occasião, fiado
m que era ordenado por Deus, não tomava nunca
enhuma cautella.

Se o Domingos dava aviso, de que fazia tenção o
Desembargador de vir abaixo, e recommendava, que
estivessem todos precatados, escrevia do mesmo mo-
lo, como quem tinha certeza de que nada poderia fa-
zer impedimento ao seu trabalho. O bom successo
que teve n'isto um grande numero de vezes, o con-
firmou muito no seu conceito, e da mesma fórma aos
outros, que o fortificavam na intelligencia do favor
sobrenatural. Quando menos se cuidava, entrou de
repente na sua casa o desembargador, no tempo em
que estava escrevendo; tirou-lhe os papeis, e le-
vou-os para o seu quarto, onde dizem foram copia-
dos pelo escrivão Luiz Antonio, e creio que para se
poderem ler com mais facilidade. Passados quinze
dias, foi o padre chamado á presença de Pedro Gon-
çalves Cordeiro, para lhe fazer perguntas, e come-
çou este ministro por querer averiguar a rasão de
ter o padre escripto a vida de Santa Anna. Respon-
deu este, que a não tinha escripto para nenhum mal,

em casa á hora que se disia: e aqui se vê as mentiras a que estamos sugeitos, e a impiedade com que ainda nos casos mais graves são tratados os doentes.

Para não deixar de se fazer alguma cousa, se lhe deitaram causticos, mas d'ahi a poucas horas expirou, tendo no decurso do ataque apertado varias vezes a mão ao seu companheiro para receber a absolvição: podia ter recebido os Sacramentos ao menos poucos dias antes, se o desembargador estivesse pelo que tinha promettido ao procurador geral na occasião do ameaço mais proximo; mas não quiz, pretendendo transferir essa diligencia para d'ahi a mais tempo, como era o seu costume em taes casos; e arguindo-o depois o padre procurador, e explicando-lhe a obrigação de commungarmos na doença mortal, sendo possivel: respondeu, que bastavam os Sacramentos, que o padre Jacintho tinha recebido pela quaresma.

O desembaraço, que se observou do padre João de Mattos, no tempo em que n'esta prisão houve as primeiras larguezas, causou admiração aos padres, que já tinham visto a sentença e mais papeis publicos introduzidos pelo Domingos: um d'elles se resolveu a perguntar-lhe se lá fóra tinha tido algum negocio com minha sogra: respondeu, que não: que a não tinha visto depois de vir da India, e que antes algumas vezes a viu, mas que nunca lhe fallára. Disse isto com tal naturalidade, e segurança, que pareceu ao dito padre, declarar-lhe o que vinha na sentença e nos mais papeis publicos. Ficou pasmado,

admirando tambem muito a mentira da communicação com o duque de Aveiro, que lhe imputavam: certificou mil vezes o que acabava de dizer. Foi logo buscar os outros padres para lh'o repetir, e accrescentar a isso as provas que primeiro lhe occorreram, e a todos fazia espanto o que lhe ouviam segurar, tão correspondente ao que se póde inferir da falta de perguntas, e do sumidouro em que o pozéram os seus perseguidores.

Depois da morte do padre Moreira esteve muito tempo sem companheiro: o desembargador o foi convidar para assistir a Bento de Moura, que tinha endoidecido: o padre respondeu, que bastante lhe aborrecia um convite d'aquella casta; mas como a sua profissão o obrigava a acudir a similhantes desamparos aceitava, esperando que n'aquella obra de caridade, o soccorresse a Providencia. Assim succedeu; porque em muito pouco tempo tomou grande imperio sobre Bento de Moura, com o qual o foi reduzindo á razão, e em menos de um mez o restituiu ao seu estado natural.

Depois d'isto, foi de grande soccorro ao dito Bento de Moura para o instruir na religião, para lhe regular a consciencia, e até para lhe servir de secretario de um grande numero de projectos, com que se occupava, e divertia. Assistiu-lhe notavelmente na doença de que morreu, e com isso tornou a ficar na solidão.

Passados annos cegou de ambos os olhos, mas com a felicidade de ser no tempo em que abriamos

as portas, e lhe pódiamos dar grandes soccorros. Havia varios que se tinham encarregado mais particularmente de seu trato, e lhe faziam tudo o que lhe era necessario. Passeava pelo corredor encostado em algum de nós, por se lhe julgar preciso esse exercicio á saude. Apesar de todo o cuidado sobreveiu-lhe uma quebradura, e juntamente uma hydropisia. Já estava desenganado dos medicos, quando nos surprehendeu o desembargador, e como por isso estavamos ameaçados de novos apertos, pelos quaes ficaria o pobre padre no ultimo desamparo, teve Gonçalo Christovão a caridade de requerer que lh'o deixasse levar para sua casa, e consentiu n'isso o desembargador. Estando já em termos de morte, antes de se deitarem os ferrolhos, nos mandou chamar a todos, para declarar mais formalmente, que era mentira tudo o que d'elle se dizia na sentença. Tornou a dizer por extenso o que já fica referido, e que assim o assegurava, por quanto havia de mais sagrado, e como quem estava para ser apresentado no tribunal divino com muita brevidade. Sendo depois sacramentado, fez esta mesma declaração n'este acto diante do desembargador, do capellão, que lhe deu a communhão, e dos guardas, e não contente com isto, deu parte a todos os que depois o foram visitar, do que disse na recepção do Sacramento. Não perdeu os sentidos, senão poucos instantes antes de expirar. Mostrou n'esta ultima doença uma tolerancia extraordinaria, e morreu com as maiores demonstrações de piedade.

O padre Thimotheo esteve a maior parte do tempo na companhia do padre Francisco Duarte. Está, haverá tres annos, com o conde de S. Lourenço; tem sido sempre sufficiente saude, e leva este trabalho com uma paciencia e modo religioso, que póde servir de modélo. Tem padecido como os outros sem queixa nenhuma da sua parte immoderada. O caracter de mestre da princeza, e das infantas não lhe grangeou n'este logar nenhuma distincção e o desembargador, que depois que nos surprehendeu não tem já duvida de fallar a cada um de nós, dos mais companheiros: ultimamente fallando commigo, e fazendo a este padre aquelles elogios de que é merecedor pela sua virtude, a sua sciencia, e o seu muito engenho, arrematou com o acerto que costuma, que, dado o caso de se acabarem estas prisões, não teria duvida de o tomar para seu capellão.

O padre procurador geral é um bonissimo religioso, que tem padecido infinito de escorbuto. Tem estado varias vezes em termos de morrer, com um fastio muito continuado; mas sem nenhum remedio: tem resistido de um modo, que parece milagroso.

O padre Francisco Duarte é talvez o mais robusto de quantos aqui tem estado. É muito douto, e muito engenhoso. Applicou-se muito tempo ás linguas franceza e ingleza, em que fez grande progresso; mas haverá mais de dez annos, que o seu maior estudo tem sido o da medicina.

Ultimamente em uma tarde mandou o desembar-

gador juntar todos os padres, que existem na pri-
do procurador geral, para lhe lêr a bulla da exti-
ção da companhia. Ficaram com isso muito tris-
procurando resignar-se com a vontade de Deus. P-
guntou porque os não soltavam, e qual podia s-
d'aqui por diante a causa da sua demora n'estas pr-
sões! Ao que respondeu o desembargador, que
tinha fallado n'este ponto, e que responderam que
seu tempo. O desembargador logo os apeou da re-
verendissima, dando-lhe o tratamento de mercê,
depois d'isso mandou por um guarda estranhar a-
padre Thimoteo, que trouxesse ainda a roupeta; ma-
averiguando o caso, era porque não tinha nenhum
outra cousa, que vestir, que fosse propria do seu es-
tado.

Dos padres cruzios, e de Bento de Moura envolvido nas mesmas culpas

D'esta religião vieram sómente para este forte
D. Estevão, mestre dos senhores de Palhavã, e de
todos os seus religiosos depois da refórma, e o pa-
dre D. João o IV. Ambos foram perguntados por
Sebastião José, e o padre D. Estevão, que por mo-
deração natural não gosta de referir o que é em
seu abono, não tem querido contar o que passou
no acto das perguntas; mas consta que lembrou ao
dito secretario de estado a repugnancia com que
elle estava em Lisboa e as diligencias que fez para
se recolher a um convento dos mais distantes d'esta

rte, contra cuja determinação recebeu pelo mes-
o secretario a ordem d'el-rei para se conservar
ι assistencia dos senhores seus discipulos. Sebas-
ĩo José não teve a isto nada que dizer: confessou
ue assim era. Tratou o padre com muita attenção,
o desembargador depois d'isto tem dito varias ve-
:s, que por seu voto seria logo solto e mandado
ecolher como desejava á sua religião. É das pes-
oas entre todos os prezos a quem este ministro
ıostra mais respeito. Ninguem que o conhece deixa
e fazer d'elle a maior estimação, pela sua virtude,
ıela sua sciencia, pelo genio e modo de vida verda-
leiramente religioso, e todos se admiram que te-
ıham preso, ha quatorze annos, um homem d'estes,
ɔor fallar do governo, e como se fosse um amotina-
lor do povo, sendo um santo, e não havendo nin-
guem mais moderado, mais retirado, e mais confor-
me em tudo ao que se póde pretender de uma pes-
soa do seu estado. Esteve só desde que o prenderam
até ao tempo da prisão do desembargador. N'essa
occasião foi o marquezito de Gouvea para a sua com-
panhia: assim se conservou perto de doze annos, e
haverá mais de dois que tornou a estar só, por ter
vindo para meu companheiro o dito marquezito.

D. João VI foi tambem perguntado por Sebastião
José, e ameçado de lhe darem tratos, se não con-
fessasse o que pretendiam. O pobre padre declarou
logo que tinha fallado na innocencia dos Tavoras,
e na dos padres da companhia. Foi acariado com
Bento de Moura, para se averiguar, se lá fóra tinha

tratado com elle este ponto, e n'essa occasião disse Sebastião José a Pedro Gonçalves Cordeiro, que tudo aquillo era uma cochada em que entrava o nuncio, o embaixador de França, e o conde de S. Lourenço. Depois d'esta diligencia, que seria talvez feita mais depressa por ceremonia, continuou a prisão deste padre alguns cinco annos em inteira solidão, até que chegando a este termo, conseguiu pelas suas repetidas instancias, que o deixassem ir para a companhia do conde de S. Lourenço, a quem serviu com o maior disvello, e maior caridade que se póde imaginar, sem embargo das muitas molestias que o affligiam.

Bento de Moura já cá estava, quando vieram estes padres, e nas perguntas confessou logo, que tinha fallado na innocencia dos Tavoras e dos padres da companhia, acrescentando que essa era lá fóra a opinião de todas as pessoas de gravata lavada. Sebastião José entrou com isto em furor, dizendo-lhe que era aquelle o maior crime que podiam commetter. Foi posto na peior das casas escuras, quando eu e Manuel de Tavora viemos da Torre; mas d'ella foi tirado d'ahi a poucos dias, quando prenderam o desembargador, e então lhe deram por companheiro um escrivão do fisco, chamado Salvador Soares Cotrim, que tinham preso juntamente com um clerigo chamado Antonio Rodrigues, por terem achado em casa de um e outro alguns versos satyricos contra Sebastião José; o clerigo esteve aqui poucos mezes, e suspeito que o mudariam para outra prisão,

u como dizem, seria degradado, por conta do larido extraordinario que fazia todos os dias com ctos de contrição, com disciplinas, exclamações, tc.; o escrivão que o nosso desembargador tamem cá não queria, porque não gosta de ser carereiro senão de religiosos e de fidalgos, ainda e demorou mais anno e meio, e dizem, valha a erdade, que o mandaram degradado para Mazagão. ;om a ida d'este homem tornou a ficar só Bento de loura; até então passava como insensivel a estes rabalhos, dizendo que se achava muito bem com sta casta de vida, na qual pelo silencio se lhe tiiha avivado a idéa para descobrir muitas cousas; ue em outra situação lhe seriam sempre occultas, e ue além disso lá fóra andava sempre receando que prendessem, e aqui estava livre d'esses sustos. Sem embargo d'estas apparencias de socego de animo, foi perdendo cada vez mais a esperança da liberdade. Sobrevieram-lhe algumas molestias, que tambem lhe acrescentaram a tristeza. Em uma d'essas occasiões o veiu visitar o cirurgião Manuel Ferreira, que teve o atrevimento de lhe fallar por você: allegou contra este iusulto com muita moderação por conta do sitio, o seu fôro de fidalgo, e o seu habito de Christo, nada lhe valeu. Os guardas metteram-lhe á bulha a fidalguia, muitos dias a fio, com grande violencia, e elle tudo supportou caladamente, por entender que lhe não resultaria nenhum proveito do unico recurso, que aqui temos em taes casos, que é o de fazer queixa ao desembargador.

Foi-se achando sempre peor com o mau trato, falta de remedios, e com a continuação do aperto. Perdeu o somno quasi de todo: esquentou-se-lhe com isso muito a cabeça, e chegando a trastornar-se-lhe inteiramente os miolos: pôz-se de joelhos, fez um acto de contricção, encommendou-se a Nossa Senhora, e entrou na diligencia de se degolar: o que lhe valeu, foi não ter senão uma faca muito velha, quasi incapaz de cortar pão. Não lhe foi possivel cortar as goellas, por mais que trabalhou: n'esse tempo entrou por acaso um dos guardas na sua casa, e o viu alagado em sangue: tirou-lhe a faca, e perguntando-lhe porque tinha intentado o desatino de se matar, contou muito socegadamente o que acabo de referir. Então lhe deram por companhia o padre João de Mattos, como já disse, e morreu de uma doença algum tanto exquisita, passados seis mezes.

Do conde de Obidos

O conde de Obidos, na idade em que estava, com genio ardente e melancolico, tendo gosado de uma vida livre e divertida, e estimado como se sabe dos nossos principes, e das pessoas mais capazes d'este reino, não podia deixar de lhe fazer grande impressão uma prisão d'esta casta, onde se padece tanto aperto, tanta miseria, e tanto desamparo. As suas forças para esta especie de tormento não foram nunca bastantes, para conservar espaços grandes no seu estado natural.

Passava a vida de dia e de noite a grunhir, a suspirar, e chamar pelos guardas: não querendo ordinariamente mais nada do que livrar-se da solidão, que lhe era absolutamente insupportavel: foram zombando das suas chamadellas, e das suas queixas repetidas. Ás vezes nas horas em que lhe levavam a ceia, ou o jantar, o achavam em uma madorna, que dava cuidado, e de que o espertavam com fumaças. Algum fingimento que n'isso suspeitavam, acrescentou o despréso das suas molestias verdadeiras. Tambem pareceu padecer algum delirio, e em uma occasião representando-se-lhe um frade do seu conhecimento, chamado fr. Antonio, subiu á janella pela parte da grade para o chamar em altas vozes. O desembargador com este motivo veiu abaixo, e entrando na sua casa lhe disse com muita arrogancia: «Ó meu fidalgo, se está doido, saiba que tambem aqui temos casa para doidos.» O conde com a perturbação em que já estava, respondeu-lhe, que sabia jogar os murros á franceza e á ingleza, e de todos os modos, que se chegasse para lá, o desembargador retirou-se.

Não se seguia d'aqui coisa alguma de importancia: mas os guardas com este exemplo, e outras cousas que occorriam, foram cada vez zombando mais do que dizia o conde, e um dia lhe disse este, que da fórma com que elles o tratavam, parecia estarem na fé, de que seria perpetua a sua demora n'esta prisão, porque d'outro modo, temeriam o castigo, de que eram merecedores pelas suas insolencias. Não fez

isto nenhum effeito, e continuou a ser tratado horrendamente. O comer da casa não o podia absolutamente tragar: sustentava-se sómente com açorda: não comeu nada muito tempo; reduziu-se por isso a uma fórma quasi cadaverica. O Domingos, que era o unico que o consolava, vendo-o n'aquelle miseravel estado, e procurando grangear-lhe algum companheiro, foi ter com seu amo, e disse-lhe que o conde estava, em acto continuado, clamando que morria; que estava em uma extraordinaria magreza, que annunciava pouca duração, e que parecia justo se procurassem alguns meios para evitar o desastre, que o ameaçava, de morrer sem Sacramentos.

N'este tempo andava-se trabalhando na casa subterranea, que serve de cemiterio, e d'isso se serviu o desembargador para responder do modo seguinte: «As covas estão-se fazendo; dizem os mestres que ficará essa obra acabada dentro em um mez, em ella estando concluida, diga-lhe você, que póde morrer quando quizer.»

Depois disto, se resolveu o Domingos a moderar com a sua caridade as suas crueldades, que todos aqui estavam soffrendo: d'esse modo começou o conde a respirar. Alegrou-se com as noticias da sua familia, sustentava-se com o comer que lhe vinha occultamente de sua casa, e divertia-se com a conversação dos mais presos: fez uma confissão geral, entrou em grandes exercicios de piedade, continuando depois disso a confessar-se duas vezes por semana, e d'esta fórma dormia já bastante, e estava

ıis forte, não grunhia, nem suspirava como d'ah-
.. A prisão do Domingos o tornou a pôr no estado
tigo, e ainda em maior consternação.

O rigor foi n'esse tempo maior do que nunca n'esta
isão: tornaram logo ao conde as afflicções, e as mo-
rras, e começou a gritar que morria, e que queria
nfissão.

Depois de grandes clamores assentou o desembar-
ıdor conceder-lhe esse sacramento; mas como en-
o costumava este ministro transferir quasi sempre
dia para outro, que julgava mais digno de devoção,
so foi o que n'essa occasião se resolveu. O conde
lamava, que não podia esperar, porque estava mor-
endo certamente.

Não se attendeu a esta declaração, e em um dos
lias da novena de S. José, sentindo-se já em grande
perto pediu aos guardas, contra o seu costume, que
he não fechassem a porta, segurando-lhe por instan-
es a sua morte muito certa. De tudo zombaram, e
echaram-lhe a porta. O conde vendo, que nada bas-
ava, levantou-se da cama para bater na mesma por-
a, pedindo pelas chagas de Christo, que lhe acu-
lissem: não se fez nenhum caso, e vendo inuteis to-
las as suas diligencias, quiz tornar para a cama,
mas não pôde chegar lá, cahiu no chão de todo per-
urbado: deu grande baque e ainda maior, porque
untamente caiu um banco.

Ouviu este estrondo Antonio da Costa Freire, seu
visinho mais chegado. Fez-lhe juntamente falta não
uvir as grunhiduras do conde, conjecturou d'ahi

deu-lhe ao mesmo tempo a convulsão; caiu no chã entornou-se-lhe a bacia, e caiu tambem uma ba quinha, em que estava o candieiro: quando torn a si chamou pelos guardas, que ficavam na casa i mediata, mas primeiro que estes acordassem, se i teirassem do caso, e se resolvessem a levantar, accender luz, etc., constipou-se o conde de modo, por ser no mez de janeiro, que nunca mais poude aquecer.

No outro dia pela manhã estava meio morto: então se mandou chamar o medico pela primeira vez, que o achou quasi sem pulso, e em termos de se lhe não poder fazer nenhum remedio. Mandou-o sacramentar com muita pressa, e que, para ver se tomava algumas forças, lhe deitassem colheres de vinho no caldo, lhe dessem marmellada, e lhe pozessem exteriormente um conforto de varias coisas, que receitou. Fizeram-se os primeiros remedios, o ultimo não, por ser de mais composição do que aqui costumam querer, e n'essa noite espirou.

Foram os guardas, ou o capellão dar parte d'esta morte ao desembargador e elle levantando os olhos ao ceu, disse: louvado seja Deus, que lhe não faltou, nem medico nem cirurgião, nem sacramentos, nem nada. Cuidaram logo em o enterrar, e n'essa occasião dizem, que succedeu abrir-se a primeira cova, e achar-se um corpo inteiro, com a circumstancia pol conta do sitio, de não poder ser senão dos que pri meiro falleceram. Consta tambem que era religioso e que não só o corpo se conservava incorrupto, ma

taques trabalhosos, em que lhe era preciso sangral-
e, e tomar outros remedios. N'essas occasiões man-
avam-lhe metter os pés em agua quente, e fazer
icções nas pernas. Os guardas não queriam muitas
ezes sugeitar-se ao trabalho d'esta ultima opera-
ão, e em varios ataques lhe fez falta; mas apesar
'isso sempre se restituia, ainda que fosse com mais
agar.

Alguma communicação occulta, que teve com a
ua familia, o ajudou muito a viver; mas um certo
enio rabujento o fez experimentar n'esta materia al-
uns dissabores, que talvez lhe causassem prejuizo á
aude. Estava ultimamente algum tanto arrufado com
s pessoas, que lhe pertenciam de mais perto, por se
he ter mettido na cabeça, que não era decente con-
luir-se o casamento de sua filha sem primeiro aca-
barem estas prisões.

N'esse estado de mais enfado, favoravel para se
occultar lá fóra a sua morte, padeceu muita afflic-
ção; e tomando um dia pela manhã um copo de lei-
te, como era o seu costume, sentiu logo uma gran-
de indigestão, a que se seguiu uma diarrea acompa-
nhada de uma convulsão na cabeça por algum tem-
po, que lhe fazia perder os sentidos. Sentiu logo
um grande abatimento de forças; mas como isso
não faz aqui nenhum embaraço para a continuação
das violencias, e do abandono, ficava só, sem ter
quem o ajudasse, e quando muito, acabada a ceia,
contentavam-se os guardas em fazer pôr a bacia ao
pé da cama. De noite, sendo-lhe preciso levantar-se,

O conde esteve pelo mesmo. Escreveu-se o que tinha tratado na vespera, e além d'este artigo, que foi o mais dilatado, tambem lhe fizeram crime, de ter escripto ao letrado Francisco Xavier depois de preso. O conde respondeu, que não podendo considerar este homem como criminoso de lesa magestade, por ter feito um papel contra Sebastião José, tinha julgado, que não deixava de lhe ser licito usar dos meios que lhe facilitaram a sua communicação: sobre isto houve debates. O conde foi-se alterando com o desembargador, que teimava em lhe querer dar idéa da grandeza do delicto, e lhe fazia sobre isso varias explicações em ar de mestre: o conde enfastiado deu-lhe a entender com bastante clareza a ignorancia, que todos lhe reconheciam, e lhe disse que maior crime n'este caso, era o seu d'elle em se servir do mesmo letrado, para lhe despachar os feitos: o desembargador negou, o conde esforçou-se em provar, e d'este modo se acabaram as perguntas.

Passados tempos, e chegada a occasião da desobriga da quaresma, teve o conde escrupulo sobre algumas palavras, que lhe pareceram proferidas com demasiada precipitação. Mandou chamar o desembargador, deu-lhe satisfação do que particularmente respeitava á sua pessoa; mas declarou, que de nada mais, porque do que pertencia a Sebastião José estava sempre pelo mesmo, e entrou á repetil-o. O desembargador novamente aturdido, respondeu que tudo aquillo eram loucuras, e que soubesse, que

ministro, de que fallava d'aquelle modo, acabava ser o restaurador de Portugal.

Não declarou a razão; mas pelo tempo julgou-se ıe quereria dar a entender a paz com Castella, alnçada por Sebastião José, e attribuida ás suas altas éas, e á sua habilidade.

Depois d'isto foram as bulhas, que já disse, sobre ; fallacias pelas janellas. N'esse tempo, fez o conde tratado para a educação do principe, e sobrevin-)-lhe varias molestias, pelas quaes, como tambem ɔr conta de uma certa preguiça e desastramento naıral do conde, para os ministerios baixos a que o ueriam obrigar, como aos outros, o faziam necessiır muito de companheiro, lhe deram D. João o VI, ue, como fica dito, assim o tinha pretendido, havia ıuito tempo.

Desde então, começou o conde a passar melhor e :omo a elle, mais do que a ninguem, foi concedida naior quantidade de prata, d'essa se tem valido, de-)ois que os guardas começaram a não ter duvida de ı vender para passar com mais largueza. É elle quem ıos sustenta a todos de chá e café: deu grandes soc-:orros ao padre João de Mattos, e os continuou a dar ıo padre procurador geral, que muito os necessita; :omprou varios livros de cada faculdade, e outros di-rertidos, em que os mais presos para passar o tempo tem encontrado bastante conveniencia. Tem feito dois rões por ordem do desembargador, do que quer de sua casa, que nunca lhe vieram. Algum dia dormia muito mas presentemente já dorme sem excesso: está bas-

tantemente gordo: queixa-se que padece muito de afflicções, e de tristezas; mas as apparencias são ordinariamente de tranquillidade, de pachorra e até muitas vezes de alegria.

Estes dois presos ainda depois de lhe fazerem perguntas, não ficaram conhecendo com bastante clareza o motivo, porque os privaram da liberdade, e só lhes foi possivel alcançar, confusamente, que o pretexto de tanto rigor poderia proceder do que contém a historia seguinte.

João Bernardo, assistente em Villa Real, tendo noticia que um seu irmão pretendia casar com uma mulher, irmã de outras, que n'esta côrte chamavam as Roques, foi ao Porto, oude o tal moço era soldado, para vêr se podia embaraçar a conclusão de similhante alliança. Taes coisas lhe disse o dito irmão, que persuadido da falsidade dos boatos, ficou tranquillisado, e partiu com muita brevidade para Vianna.

Poucos dias depois de lá chegar, recebeu outras noticias nada duvidosas, de ser certo o casamento, e de estar tanto em termos de se concluir, que isso estava publico. Á vista d'isto entendendo, que nenhuma diligencia ordinaria seria bastantemente poderosa, escreveu a Gonçalo Christovão, para que recorresse a Sebastião José, a quem com effeito pareceu justo, por conta da muita desigualdade, passar logo as ordens necessarias, para que o tal moço fosse preso e remettido a esta côrte, para o mandarem para a India.

No caminho, em quanto se demorou no Limoeiro, consta, que tratou com certas pessoas de consciencia larga, inimigas de João Bernardo: inferiu-se, que desde logo se poderiam forjar algumas occasiões contra os dois, que o procuravam desviar do seu empenho, e que seriam bem recebidas. Ha d'isso algum indicio, sair tão tarde do Limoeiro, que já não pôde alcançar a náo da India, e á volta, chegando á praia, o ministro que o conduzia o mandou só para a prizão. Sebastião José disse a Gonçalo Christovão, que não importava o que tinha succedido, por que se mandaria o moço para parte mais segura, que era a casa de seu irmão no Maranhão.

Lá se acabariam de aperfeiçoar talvez os documentos contra Gonçalo Christovão, e o certo é, que pouco tempo depois da prizão dos dois, de que tratamos, se restituiu o moço a esta côrte. Fôi como despachado pelos seus serviços com o posto de capitão do regimento de Cascaes ou da guarnição da torre de S. Gião, e satisfez o seu appetite casando com a moça, que tinha motivado o seu degredo.

De Gonçalo Christovão e de seu sobrinho, João Bernardo

Nas perguntas, houve algumas, que se referiram á este caso, e foram apresentadas duas cartas, para se saber se eram, ou não de João Bernardo. Mostram-nas em certa distancia, e em continuo movimento, para que conhecendo-se sómente pelo talho da letra a pessoa a que pertenciam, se não podesse ler nada do

que continham. Gonçalo Christovão disse, que uma d'ellas parecia do dito João Bernardo; mas que sem a lêr não o podia assegurar, e que a outra bem se via, que não era da mesma mão: o mesmo succedeu com João Bernardo, que conhecendo poder ser sua uma das cartas, não a quiz nunca confessar, pela falsidade manifesta da outra, e pela circumstancia, que declarou de lhe parecer fingida por seu irmão. Fizeram tambem varias perguntas, que parecem inuteis, como por exemplo, se tinham dito alguma vez, que Antonio Guedes, seu parente lhes fazia muita falta: se disseram, que poderia ser, que tornasse ainda a juizo a casa de Montalvão. O desembargador procurou quanto pôde atarantar Gonçalo Christovão. Deu-lhe uma aspera reprehensão por nomear Thomé Joaquim, pelo seu nome, e lhe não chamar secretario de estado; encheu de borrões tudo o que escrevia, de um modo que parecia desproposito, para se ver obrigado a tirar copia. Admirou-se depois com affectação do mau estado do papel, e no fim do acto procurou despedir depressa Thomé Joaquim, promettendo-lhe que, depois do interrogatorio copiado o faria assignar: chegada essa occasião, deu ainda maiores motivos para se inferir da sua parte alguma má tenção, porque Gonçalo Christovão com quem já estava só e na prizão, querendo ler antes de pôr por baixo o seu nome, não foi possivel ao *ministro* consentir, e até mostrou grande difficuldade de ler ao menos certos capitulos, sobre os quaes se podia receiar alguma confusão.

N'esta disputa, descompoz Gonçalo Christovão, dizendo-lhe que era um grande velhaco, por isso estava aqui a dar este insulto, e outras grosserias, em um logar d'estes com tantos motivos de receio, assim particulares, e antigos, como modernos, e publicos; e de tal fórma se perturbou o dito Gonçalo Christovão, que, sem embargo de se acharem erros nos capitulos, sobre os quaes se fizeram arrebatadamente algumas declarações, assignou em uma folha branca inteira, que o desembargador lhe apresentou, e que introduziu no meio de um caderno, sómente escripto ametade. D'este modo ficaram com largo campo para accrescentar o que quizessem, mas com João Bernardo não se procedeu da mesma fórma porque assignou onde dizia, e na presença de secretario de estado assim nomeado Gonçalo Christovão, com uma habilidade rara de mãos, para trabalhar insignemente em todos os officios, com uma vontade tambem nada vulgar para servir a todos; tem-nos sido de grande soccorro n'esta prizão, e continuamente está empregado no serviço de algum de nós, para concertar o que se quebra, e desmancha, e para quantas commodidades são possiveis.

Tem cuidado muito em purificar a sua consciencia e tem soffrido com muita mansidão, e muita christandade coisas incriveis, de dôr de pedra, de uma especie ds asma, e de queixa de estomago.

Entre as coisas de mau trato que experimentou da parte dos que correm com os gastos, é bastante exquisita a de lhe fazerem tomar agoa da salsa parri-

lha para darem consumo a um provimento inutil d'esta erva, que havia na casa, em logar de agua de folha de morangos, que lhe mandava dar o medico; e como é de uma natureza muito robusta, não deu n'isto, senão passados muitos mezes.

João Bernardo tambem se tem dado á vida devota: é de muita caridade, e notavel no trato dos doentes; tem-se applicado bastantemente para o logar em que está, onde a angustia quasi perpetua perturba muito qualquer estudo continuado. Compõe em verso com muita facilidade, e é homem a quem todos reconhecem juizo, engenho, e muitas qualidades dignas de estimação.

Do Encerrabodes

O Encerrabodes padeceu no principio grandes afflicções, que o Domingos, e alguns presos procuraram moderar, e com bom fructo. Tornou a passar agoniado, depois da prisão do dito Domingos, e n'essa occasião além do que já se disse, de ser posto por castigo em casa mais triste, tambem como aos outros lhe examinaram a cama, os trastes da casa, e as algibeiras, para vêr se achavam alguns papeis.

N'esse acto quando os guardas lhe começaram a apalpar os vestidos, fez um leve signal de dissabor, e o desembargador, percebendo-o, lhe disse com grande imperio: «Hade-se fazer o que eu mandar.»

Assim se executou; mas com a felicidade de lhe escapar algum dinheiro, que pelo decurso do tempo

he teve grande serventia. Além d'este tambem tinha uma porção na mão do desembargador, e esta graça só concedida a elle, e a Antonio da Costa Freire; a ninguem mais se quiz fazer, ainda que alguns a requeressem.

Com isto, pela conveniencia que n'elle encontravam os guardas, passou menos mal, e nas occasiões de molestia, lhe fizeram mais alguma assistencia. Comprava remedios que a casa lhe não daria, ou lhe chegassem já tarde, e d'este modo é o unico que tem escapado de doenças mais graves. Apesar d'isso soffreu infinitos desamparos: a limpeza da sua casa, e o mais que pertence ao seu trato, na edade em que está, sem ter ninguem que o ajude, dá-lhe um trabalho formidavel, de que resultam grandes agonias, e grandes impaciencias.

Haverá alguns annos apanhou-lhe o desembargador uma carta de um dos barbadinhos, seu director, de cuja communicação, ainda que meramente espiritual, fez grande bulha por ser contra o rigor do segredo: por este motivo atormentou o pobre velho com exames impertinentes. Achou-lhe mais cartas do mesmo padre na gaveta de uma banca, e um pouco de dinheiro de umas fivellas de oiro que tinha vendido. Pilhou tudo, seguindo-se a isso novas averiguações, e em toda esta contenda, bem se poderá considerar o que padeceria um homem como o Encerrabodes, com tanta capacidade, e tantos serviços, vendo-se debaixo do jugo durissimo de um ignorante, sem maior

merecimento do que o de ter sido n'este seculo um bom agarrâdor. Ultimamente teve uma febre catarral, com que esteve em grande perigo: passou alguns dias sem medico, por ter morrido o que nos assistia chamado Pascoal; veiu depois disso o que chamam Paisinho, mas assim que começou a melhorar, estando ainda com muita febre, e muita debilidade, deixou de vir, e nunca mais cá tornou.

Os guardas n'essa occasião lhe fizeram grande assistencia, excepto de noite, porque ficava só como e costume, mas menos tempo do que os outros, e o desembargador tambem o visitou com mais frequencia. Está bastantemente avelhantado, com o corpo muito curvo, e as pernas inchadas; mas assim mesmo ainda esperto e com alguma agilidade. No que toca ao motivo da prisão, nunca o pôde saber judicialmente, porque nunca foi perguntado: aqui veiu receber algumas claresas, com o que lhe contavam os barbadinhos: tambem creio pelo que elle diz, que contribuiram muito para esse effeito algumas respostas rispidas nas cartas de officio, e de tudo o que podessem, é natural que se servissem, para o desviar da secretaria d'estado, que com tanta razão lhe competia.

De Antonio da Costa Freire

Antonio da Costa Freire não tendo nunca sido perguntado, nem havendo da sua parte cousa algu

ia, com que o podessem involver da causa dos que eram presos na mesma occasião, inferiu que poderia ter sido o motivo da sua desgraça uma certa resistencia, que tinha feito, como procurador da fazenda, para impedir a conclusão do ultimo contracto da polvora. Contava que o desembargador o pretendeu intimidar n'esse tempo, dizendo-lhe que o seu zelo lhe poderia ser muito prejudicial, mas que elle não desistira, e respondeu que ainda que fosse morrer a uma prisão, continuaria da mesma fórma como estava, obrigado a não consentir cousa alguma em diminuição da fazenda real.

Na torre de S. Julião padeceu logo muitas molestias, que com brevidade se agravaram por falta de medico, e de remedios. Teve a felicidade de achar modo de pôr na presença d'el-rei a sua necessidade, e o seu desamparo. Dizem que el-rei se mostrou compadecido, e ordenou que promptamente lhe dessem o que pedia, com cujo soccorro se restituiu em breve tempo, mas logo que começou a necessitar de remedios, deitaram-lhe um grilhão; e não tendo sido tratado até alli com similhante rigor, inferiu que a diligencia de ter pedido a el-rei misericordia, desagradaria a Sebastião José, e que por isso lhe daria aquelle aspero castigo.

Aqui passou muitos annos sempre doente, mas sem molestia de muita gravidade: portou-se com grande arte para se conservar attendido pelo desembargador e respeitado pelos guardas, e foi dos mais bem livrados das grosserias, e ferocidades, que são

tantemente gordo: queixa-se que padéce muito de afflicções, e de tristezas; mas as apparencias são ordinariamente de tranquillidade, de pachorra e até muitas vezes de alegria.

Estes dois presos ainda depois de lhe fazerem perguntas, não ficaram conhecendo com bastante clareza o motivo, porque os privaram da liberdade, e só lhes foi possivel alcançar, confusamente, que o pretexto de tanto rigor poderia proceder do que contém a historia seguinte.

João Bernardo, assistente em Villa Real, tendo noticia que um seu irmão pretendia casar com uma mulher, irmã de outras, que n'esta côrte chamavam as Roques, foi ao Porto, onde o tal moço era soldado, para vêr se podia embaraçar a conclusão de similhante alliança. Taes coisas lhe disse o dito irmão, que persuadido da falsidade dos boatos, ficou tranquillisado, e partiu com muita brevidade para Vianna.

Poucos dias depois de lá chegar, recebeu outras noticias nada duvidosas, de ser certo o casamento, e de estar tanto em termos de se concluir, que isso estava publico. Á vista d'isto entendendo, que nenhuma diligencia ordinaria seria bastantemente poderosa, escreveu a Gonçalo Christovão, para que recorresse a Sebastião José, a quem com effeito pareceu justo, por conta da muita desigualdade, passar logo as ordens necessarias, para que o tal moço fosse preso e remettido a esta côrte, para o mandarem para a India.

No caminho, em quanto se demorou no Limoeiro, consta, que tratou com certas pessoas de consciencia larga, inimigas de João Bernardo: inferiu-se, que desde logo se poderiam forjar algumas occasiões contra os dois, que o procuravam desviar do seu empenho, e que seriam bem recebidas. Ha d'isso algum indicio, sair tão tarde do Limoeiro, que já não pôde alcançar a náo da India, e á volta, chegando á praia, o ministro que o conduzia o mandou só para a prizão. Sebastião José disse a Gonçalo Christovão, que não importava o que tinha succedido, por que se mandaria o moço para parte mais segura, que era a casa de seu irmão no Maranhão.

Lá se acabariam de aperfeiçoar talvez os documentos contra Gonçalo Christovão, e o certo é, que pouco tempo depois da prizão dos dois, de que tratamos, se restituiu o moço a esta côrte. Fôi como despachado pelos seus serviços com o posto de capitão do regimento de Cascaes ou da guarnição da torre de S. Gião, e satisfez o seu appetite casando com a moça, que tinha motivado o seu degredo.

De Gonçalo Christovão e de seu sobrinho, João Bernardo

Nas perguntas, houve algumas, que se referiram a este caso, e foram apresentadas duas cartas, para se saber se eram, ou não de João Bernardo. Mostram-nas em certa distancia, e em continuo movimento, para que conhecendo-se sómente pelo talho da letra a pessoa a que pertenciam, se não podesse ler nada do

n'este logar tão ordinarias. Depárou-lhe Deus communicação com a sũa casa, que o ajudou a passar com mais allivio: a falta de sua mulher causou-lhe grande pena, que supportou por conta do segredo, sem muitas demonstrações de sentimento; e creio que tirou bom proveito da vida piedosa a que com grande fervor se entregou, porque chegada a doença mortal, que foi exquisita, penosa, e dilatada, soffreu toda a operação com grande conformidade, e grande paciencia. Recebeu todos os Sacramentos com perfeito accordo e reflexões muito christãs: chegou ao ponto do desengano do mundo, de vêr a morte com uma indifferença a mais heroica e a mais santa. Conservou até ao ultimo suspiro o seu juizo, e teve uma morte muito diversa da que chamam de desembargador.

Tinha feito lá fóra testamento de mão commum com sua mulher, a que Sebastião José não quiz, que se désse uso, quando ella morreu, e depois saiu á luz, com que pretenderam destruir esta ultima vontade, sem embargo de mais antigo. Sobre os trastes que aqui tinha já fallei na disposição que o desembargador alterou, e a respeito da qual disse este ultimo ministro ao Encerrabodes, que tudo tinha feito como devia ser, porque fez tantas porções quantas eram as cabeças, e tambem acrescentou, que no que tocava aos bens de raiz de Antonio da Costa, não se tinha querido introduzir como juiz da inconfidencia, que tudo deixava livremente a sua mulher, a qual todos sabiamos que tinha morrido anno e

neio antes: e eis aqui como este homem nos falla, como mente sem se sentir, com toda a sua santidade:

Dos Tavoras

Nuno de Tavora estando em Elvas, no forte de Santa Luzia, disseram-lhe, que saisse da prisão para fallar a D. João de Alencastre. Fez-lhe este governador signal com a mão, que fosse para a outra parte, e lá achou um official subalterno, que lhe fez outro signal para entrar em uma sege: assim veio direito até Aldeia Gallega, onde o recebeu outro official subalterno do regimento do cáes, que o conduziu para este forte, e sem mais do que trouxe comsigo, não sabendo que vinha para tão longe, o nosso desembargador que poderia procurar-lhe algumas commodidades, contentou-se de ralhar muito do tal que o acompanhou, pela negligencia de não ter mandado vir juntamente o seu fato: assim esteve varios dias na força do inverno, padecendo grande frio.

Por conta d'isso lhe deu o desembargador um reguingote velho do seu uso, e tambem lhe mandou entregar alguma roupa branca velha, que se entende seria de algum dos presos, que já então tinham morrido.

Acceitou Nuno de Tavora pela necessidade a que se via reduzido: recebeu como da mão de Deus tanto trabalho, e entrando deveras a cuidar na sua salvação, tudo soffreu sem se queixar, como administrado pela Providencia.

Passava a rezar desde madrugada até muito de noite em voz alta, e com uma força, que pasmava todos, de um peito de tanta resistencia. A sua surdez o impossibilitou, para que nenhum de nós podesse ter com elle a menor communicação, e fez experimentar mais que todos o rigor d'este segredo.

Não soube nada do que aqui se pratica; e como n'esta prisão, os mais pacientes são os mais mal tratados, deu grande lugar a fazerem-lhe as insolencias mais tyrannicas. Estava costumado a beber vinho, e davam-lh'o no principio; mas como viram que tudo levava á bocca calada, suspenderam-lh'o por economia, e por preguiça: tambem lhe davam chá pela manhã, e vindo dizer-lhe um dia a mentira que uma mulher, que aqui o trazia de venda tinha faltado com elle, nunca mais lh'o levaram. Faltando-lhe estes dois corroborantes, relaxou-se-lhe muito o estomago: quasi todos os dias vomitava mas sem se queixar, e continuando sempre do mesmo modo com as rezas.

Assim esteve perto de seis annos, até o tempo que abrimos as portas; então o fomos visitar, e ficámos pasmados da sua tranquillidade, da sua alegria, de o acharmos de figura com muito pouca differença da que tinha lá fóra. Tivemos logo cuidado de o instruir do que aqui houve, e se costumava praticar de cujas noticias tem depois d'isso uzado com muita moderação, para passar menos mal; continúa sempre na mesma vida santa, sente muito a privação da sua mulher e de seus filhos: receia na sua casa desa

anjos, mas offerece tudo a Deus, e resigna-se inteiramente na sua divina vontade.

De Manuel de Tavorá posso eu dar mais largas informações; porque desde que fomos presos, temos empre seguido igualmente os mesmos passos. No principio na torre de Belem padeceu, como era natural, bastantes afflicções; o nosso desembargador que lá foi mandado no decimo terceiro dia, não sei porque, mas com o pretexto de vêr se as prisões estavam seguras, a primeira coisa que lhe disse, sem vir a proposito, e só para o insultar, foi que todos os seus parentes eram muito soberbos. Depois que me tiraram da casa de baixo para a do meio pela repetição de uma doença, começámos a fallar um com outro pelas portas, e continuámos muito tempo sem sermos nunca percebidos, recebendo com isso algum divertimento.

Não fomos nunca perguntados judicialmente; mas Luiz de Mendonça por modo de conversação, instou com tanta impertinencia em certos pontos, que me fez imaginar o teriam encarregado, de algum exame d'essa casta, e fallando comigo, lhe escapou dizer-me que da innocencia de Manuel de Tavora estava persuadido; porque tinha observado que constantemente lhe dava sempre as mesmas respostas. Entre as diversas perguntas que lhe fez, foi uma d'ellas querer saber, se o sr. infante lhe tinha promettido alguma coisa. Manuel de Tavora picou-se d'isso infinito, e muito tempo lidou com o que em similhante averiguação se pretendia inferir contra seu amo, e contra elle.

Nunca commungámos emquanto estivemos na torre. Não nos quizeram dar confessor no primeiro anno para nos desobrigarmos da quaresma, é a razão que deram a Luiz de Mendonça, foi que essa obrigação (como se fosse bagatella) era sómente em virtude de um preceito da egreja.

Pouco depois foram nomeados dois padres de S. José de Ribamar para nos confessarmos todas as vezes que quizessemos; mas sempre era preciso haver n'isso da nossa parte alguma moderação, porque se pretendiamos purificar mais alguma coisa as nossas consciencias, logo se ralhava, e se achava excessivo.

Nos ultimos tempos foi um dia el-rei, e toda a familia real pescar junto das muralhas da torre, sem eu o perceber, por ter então a porta do eirado aberta, e fechados os postigos da parte do nordeste, d'onde recebia luz em minha casa; fiquei muito sentido que Manuel de Tavora se não tivesse aproveitado d'aquella boa occasião, para tomar o recurso, de que estavamos privados desde o principio; por isso ajustámos que se houvesse outra similhante funcção, elle me faria signal para que me não escapasse, e que acabando eu de fallar, tambem elle faria a sua representação: não tornou el-rei para lhe fallar nas passagens; tive sempre receio, que se não ouvisse a minha voz com a bulha dos algarvios, e que n'esse caso, em lugar do que pretendiamos, se nos seguisse maior aperto.

Quinze dias antes de virmos para este forte, se fizeram mais espaçosos os buracos da janella de Ma-

uel de Tavora, como elle andava pretendendo havia nuito tempo, sem embargo d'esta apparencia de maior argueza, a polvora que ardeu por descuido no fuleral do marquez de Tancos, do que resultou uma eve ruina na praça de baixo, serviu de pretexto para nossa mudança.

Luiz de Mendonça, entrando para este effeito na casa de Manuel de Tavora, o qual por estar molesado mostrou n'isso alguma repugnancia, poz o chapeu na cabeça, e disse com arrogancia — que as ordens d'el-rei deviam executar-se. Assim se poz em pratica com bastante promptidão, e o mesmo Luiz de Mendonça, o foi entregar na estrada de Pedrouços ao nosso desembargador, que depois de o receber, fez a força de andar para diante até á ponte, e chegando a esse sitio mandou virar para este forte.

Nos primeiros tres annos, o que mais o atormentou foram os embaraços na confissão por conta da summa incapacidade do primeiro capellão: recebeu grande allivio com a vinda do padre João de Mattos para a companhia de Bento de Moura seu vizinho; porque estes tempos antes, tinha tido habilidade com um sacatrapo de fazer um boraco na parede de banda a banda e por ahi se confessou muitos annos, e alcançou o socego, de que estava necessitado.

A boa saude que sempre gozou lhe deu maior facilidade para moderar com applicação alguma parte do rigor d'esta prizão. Alcançou do desembargador licença para vender um candieiro de prata, com que comprou bastantes livros; depois d'isso tem pouco a

pouco accrescentado a sua pequena livraria com o dinheiro dos ovos, e a força do seu estudo tem sido na historia.

A paixão que teve sempre para a lingua franceza o fez entrar no intento de fazer um diccionario: estava já muito adiantado quando por conta de um susto queimou tudo o que tinha escripto, entendendo que lhe buscariam a casa, e lhe fariam crime de ter tinteiro. Tornou depois a principiar, e presentemente está já quasi concluida a obra; e é um Diccionario Universal bastantemente vasto, onde em muitas partes poderão faltar algumas explicações; mas na fabrica do qual tem Manuel de Tavora adquirido muita noticia.

N'estes ultimos annos tem procurado amparar os seus irmãos, que mais necessitavam do seu soccorro. Antes de ir para a companhia do conego José Maria tinha ajustado com o desembargador, que quando fosse preciso, o faria soccorrer pelos guardas, e viria elle mesmo para o ameaçar, e lhe rebaterem d'este modo as furias; o desembargador fez isso uma vez ou duas, por ceremonia no principio; mas de então para cá não tem querido continuar; e Manuel de Tavora sem ter quem o ajude, passa ha dois annos em um tormento formidavel, umas vezes em lutas com o irmão, e outras sem poder dormir dias a fio com as gritarias, que o dito Conego costuma fazer em certos tempos, e em certos quartos de lua.

Não foi possivel occultar-lhe o casamento do filho, porque primeiramente um dos prezos, que não sa-

bia o que n'isso lhe poderia ser desagradavel, lhe começou a dar os parabens, e depois um pedreiro, que o não conhecia, lhe disse que o pae da noiva morava para a parte de Oeiras, por onde veiu a saber que era D. José de Alencastre; sem embargo da mortificação que recebeu com essa noticia, supportou com a maior moderação, fazendo sobre isso reflexões muito prudentes, e muito christãs.

Em fim, da morte do filho ainda não sabe nada, porque succedendo em tempo de termos outra casta de liberdade, e de communicação uns com outros, poderam tomar-se as precauções precizas para o conservarmos até agora, n'essa ignorancia.

João de Tavora veio de Traz-os-Montes, conduzido pelo desembargador Manuel Gonçalves de Miranda, que o tratou n'essa jornada com summa grosseria logo ao entrar na carruagem: cedendo-lhe João de Tavora o melhor lugar lhe disse — Não cuide v. s.ª que me faz nenhum favor, porque esse é o assento que me compete como ministro d'el-rei. João de Tavora respondeu-lhe — que não lh'o disputando elle, parecia impropria similhante declaração. Se lhe pedia alguma coisa, respondia-lhe seccamente que não: e accrescentava — veja lá se o despachei depressa.

Passando pela azinhaga e mostrando-lhe João a quinta do conde da Ribeira, respondeu — Que se na sua terra houvesse condes, elle havia de ser um d'elles. D'este modo incivil continuaram até Sacavem, onde pareceu preciso deitarem algemas ao pobre João

para o trazerem para o pateo dos bichos, e ahi lh'as tornaram a deitar quando passaram para este forte. No principio padeceu infinitas tristezas, depois se foi habituando aos trabalhos; e um dia estando cantando lhe mandou dizer o desembargador que se callasse: respondeu que não queria, e foi continuando, de que ficou muito raivoso o dito ministro, e d'ahi a algum tempo succedeu a historia, que já referi, e pela qual o castigaram com muita aspereza.

Pelo tempo adiante succedeu em uma occasião darem-lhe muito pouca vacca ao jantar, mandou á cozinha o mesmo prato para que vissem a razão com que se queixava, pedindo-lhe mais algum bocado: e o desembargador que quando lhe fallam deita-se de fora quanto póde de similhantes bagatellas, como alheias da sua consideração, interessa-se n'ellas mais do que ninguem, quando é para mortificar; e n'este caso, logo se achou na cosinha para ordenar não fosse nenhuma vacca, nem ainda a que primeiro tinha ido e ficou João com muita fome, justamente sentido de uma pirraça tão grosseira e tão iniqua.

Teve depois a paralysia, que já disse, da qual n'este logar de tanta angustia não podia convalescer. e passados cinco mezes lhe deu um accidente de apoplexia de que morreu. Logo, desde o principio d'este ultimo ataque chamou Manuel de Tavora para que lhe acudisse, veiu o cirurgião Manuel Ferreira, que o sangrou, e acabada essa operação, que não fez nenhum effeito, foi para sua casa para vir no outro

lia com o medico, que não pode cá chegar mais cedo: clamei eu pelo que tinha ouvido em casos d'aquella especie contra similhante abandono, e que era preciso atormentar o doente com coisas violentas até lhe fazer febre: deram-lhe agua de milicia. Manuel da Tavora passou toda a noite deitando-lhe ventosas, e fazendo-lhe esfregações nas pernas muito fortes, que era o que cabia na sua possibilidade: nada aproveitou, e quando passadas doze horas veiu o medico mais o cirurgião já por parte nenhuma deitou sangue, e d'alli a pouco tempo expirou. Tinha-se confessado tres dias antes, apertou a mão varias vezes no decurso do accidente: desde o principio da prisão se tinha posto em uma vida muito devota, e do primeiro ataque até á morte ninguem poderá dar maiores signaes de contricção.

O conego José Maria logo no pateo dos bichos o trataram com grande rigor, e lhe deitaram grilhões. No logar em que o pozeram ficava-lhe facil vêr o outro José Maria, emquanto lhe não fechavam a janella, e lhe fallou uma vez por signaes: o nosso desembargador percebendo essas acções entrou na sua casa, e quiz saber o que elle dizia a seu sobrinho: respondeu o conego, que estava perguntando se lhe davam bem de comer, ou se já lh'o tinham dado n'aquella occasião. A isto com grande ferocidade disse o desembargador: mente.

O conego carregado de ferros, que andava então em grande devoção pedindo a Deus havia muito tempo lhe désse graça para supportar injurias, e juntamente por entender talvez, que de proposito o pro-

vocavam para procurar occasião de o opprimirem ainda mais, recebeu esta grande injuria como prova, e despacho da sua oração, e tomou o partido de se calar. Lá mesmo o passaram para a companhia do marquezito de Gouveia, e chegado o tempo de vir para este forte, lhe deitaram algemas, sómente para essa passagem, e aqui se conservou, sem nenhuns ferros, alguns dois annos na companhia do mesmo marquezito. Ficou depois d'isso só, vivendo com muita devoção, e conversando de vez em quando pelas janellas com os mais presos seus visinhos. De repente deixou de fallar, como costumava, e a rasão que deu d'esse silencio, foi que não queria fazer peccados. Pouco a pouco se lhe foi manifestando a loucura, contra o progresso da qual, já não poderam fazer nenhum impedimento as sahidas, e as conversações que então houve: cada vez se confirmou mais, fazendo muitos destemperos, como exemplo, beber continuadamente copos de agua todas as tardes; desde logo que acabava de jantar, lavava o capote, e os lençoes, e deitava-se em cima para os enxugar, e assim se lhe arruinou a saude de modo, que quando Manuel de Tavora lhe quiz accudir ultimamente da fórma, que fica dito, já foi tarde; porque pouco depois de estar na sua companhia lhe deu o primeiro ameaço de estupor, de que tem tido repetições continuadas; a ultima foi na lingua, que lhe fez bastante embaraço na pronuncia: sangrou-se, e assistiu o medico Paizinho, e querendo vêr este o sangue, não houve em que se tomar senão em um covilhete, que por acaso tinha guardado Manuel de Ta-

vora, e conto esta bagatella para se vêr em tudo a penuria que reina n'esta casa.

Do marquezito de Gouvêa

No tempo em que o duque de Aveiro estava já preso, e ia na sua carruagem para passar a esta côrte, perguntou o desembargador ao marquezito: se não fazia tenção de acompanhar seu pae! respondeu este: que sem embargo de não sentir nada na sua consciencia, e por onde o podessem pôr em figura de delinquente, faria o que determinava sua magestade: a duqueza que estava presente perguntou se havia ordem para prender tambem seu filho, e o desembargador respondeu que lhe tinham dito se elle lá estivesse, o trouxesse juntamente com seu pae: deu ordem ao rapaz a preparar-se. Concluida essa diligencia, e indo já descendo a escada, lembrou-lhe que não levava dinheiro: quiz mandar buscar algum, mas o desembargador fez a isso impedimento, dizendo que não era preciso, e que para qualquer parte que el-rei o mandasse, não lhe havia faltar nada.

Para logo se verificou o contrario, porque vindo de Azeitão pelo rodeio de Cacilhas, chegaram ao pateo dos bichos na madrugada seguinte, e em todo esse tempo esteve o rapaz em jejum, por não ter com que comprar muitas coisas que facilmente se encontraram no caminho. Então lhe deram de comer, e depois d'isso o fecharam em uma casa, onde não havia mais do que uma luz, um colchão, e um través-

seiro; n'essa solidão ficou até ao outro dia pela manhã, que lhe veiu de sua casa uma cama, e alguns trastes. Assim passou afflicto muitos dias sem mais desafogo de que o de fallar de vez em quando aos sentinellas a quem dava gravatas e lenços por não ter outra cousa com que os facilitasse a communicarem-lhe o que ouviam lá por fóra. Por ellas soube que geralmente o reputavam innocente, mas que apesar d'isso o queriam fazer frade. Com esta noticia, ainda que por então parecesse popular, recebeu o pobre rapaz uma grande mortificação, porém permittiu Deus logo algum tanto moderar-lh'a, e um cadete mais instruido, e amigo do Seabra lhe disse, tinha ouvido lá mesmo a este ministro, que os morgados de nenhum modo lh'os poderiam tirar sem crime proprio e que por todas as leis incontestavelmente lhe pertenciam. Seguiram-se a isto as execuções, com os preparos das quaes pela visinhança dos sentenciados á morte, passou o rapaz por grande espaço em um tormento inexplicavel, e maior ainda, quando depois lhe constou de todos os que tinham feito figura n'este acto........

Não está bem certo, quando passaram o conego José Maria para a sua companhia, mas parece provavel que seria, quando vieram da torre de S. Julião o conde d'Obidos, e o conde da Ribeira: d'ahi a pouco tempo os passaram para este forte e n'esse dia perguntou o desembargador ao rapaz o que queria da sua casa. Quiz dinheiro do um peculio seu particular, e varias cousas que não quizeram conceder-lhe; só lhe deram algumas camizas, e um ves-

tido, e posto n'esta penuria, que pareceu mais conducente ás disposições que lhe desejavam, o veio visitar o desembargador passados dias como quem o pretenderia consolar. Começou por se mostrar muito penetrado de compaixão, á vista da sua triste sorte. Fingiu ter feito grandes considerações, movido pela mesma lastima, para descobrir modo de lhe alcançar estado em que fosse menos infeliz, e depois d'estas apparencias de caridade, concluiu, que por mais que discorresse, não achou nunca nada que lhe podesse ser conveniente, senão a resolução de se metter frade; que só assim poderia ainda no mundo fazer figura, que n'esse caso lhe dariam uma boa meza, que teria carruagem, que iria beijar a mão a el-rei, e que este monarcha vendo-o tomar um tal partido o honraria com a sua benevolencia, e o attenderia muito mais do que podia imaginar. O rapaz respondeu: que o estado da religião, não havia duvida, que era o melhor, mas que como só o podiam tomar os que Deus chamasse por esse caminho, e sem essa circumstancia seria summamente arriscado, não o devia elle procurar, emquanto não sentisse vocação.

Instou sobre isto o desembargador com grande fogo, dizendo-lhe que advertisse em não ter um bocado de pão para comer, que de tal casta era a sua infelicidade, e que nem acharia quem lh'o désse; que estava perdido sem remissão, e que o futuro fóra do estado monachal, considerado com prudencia, e conhecimento do mundo, lhe não poderia apresentar senão ideas as mais tristes, e as mais desagradaveis.

A estas rasões se seguiram muitas theologicas pela presumpção, que este ministro sem ser d'essa sciencia, e com as seguranças da sua boa intenção e da sua recta consciencia, nunca lhe esquecem n'estes casos, accrescentou, que se não fosse certissimo o que acabava de declarar, de nenhum modo seria elle capaz de o certificar, e teria grande escrupulo de lhe encobrir a minima cousa que lhe fosse vantajosa.

O rapaz, sem embargo d'esta pomposa verbiagem, conservando-se sempre constante, respondeu que estava pelo mesmo, e que segundo o que sentia em si, nenhumas das suas rasões, e das miserias com que o intimidavam, lhe facilitavam a disposição precisa para a vida monachal; e perguntando-lhe o desembargador já bastante alterado, em que se fiava? respondeu que na misericordia divina, na sua innocencia, e na justiça e bondade d'el-rei.

D'esta casta de conferencias houve muitas de que senão tirou outro fructo, senão o de novas e maiores seguranças de resistencia do rapaz: por isso pareceu preciso recorrer a outros meios, e accrescentar no trato ordinario os gráos de ferocidade, e de penuria. Deram-lhe menos de comer: andou quasi nu por muito tempo, tendo-se-lhe estragado depressa os vestidos, como era natural na sua edade; e apenas na ultima miseria lhe deram dois lenços velhos do desembargador para se assoar. O capellão, os guardas, todos lhe fallavam continuamente pela mesma bocca, e pareciam industriados pelo ministro; até uma preta, que servia de despejar os vasos; o vem chamar ás escondidas e dizer-lhe pelo buraco da

orta, que não tinha mais remedio que ser frade, porque sem isso, ainda que os mais saissem ficaria elle aqui perpetuamente, chegando a adoecer, e n'outros signaes que indicavam alguma gravidade não lhe queriam dar medico. Só depois de muitos clamores o conseguiu, e nos remedios havia grande dilação. Fechavam-lhe as tres portas estando ainda mal convalescido, e em ultimo logar tiraram o colego da sua companhia. Depois de todo este rigor continuaram as conferencias por algum tempo, acompanhando-as sempre a mesma inflexibilidade da parte do rapaz. Com isso foi pouco diminuindo o furor das diligencias que durariam perto de dois annos; no decurso dos quaes todas as vezes que o desembargador percebia pelas respostas, que o suppunham encarregado de fallar em tal materia, acudia logo segurando que tudo procedia meramente do seu zelo, e que até então ninguem lhe tinha fallado, nem elle, sem estar certo da vontade do rapaz, podia tomar nenhuma resolução. Quando prenderam o Domingos, deram ao rapaz o allivio da companhia do padre D. Estevão, a quem o desembargador depois d'isso, em uma occasião de visitas, offereceu os seus livros, que são quasi todos de direito, e vendo n'elles o mesmo padre infinitas cousas favoraveis ao rapaz, se resolveu a fazer um papel, cujas rasões pareceram as mais solidas a todos os que aqui têm intelligencia d'essa casta de materia, e muito corroboradas com grande numero de exemplos dos filhos dos criminosos de leza-magestade, que n'este reino obtiveram as casas de seus paes.

Varios outros o imitaram, aproveitando-se dos mesmos livros, e mais alguns se podiam adquirir. Antonio da Costa Freire tambem fez um papel breve, e claro ao alcance dos ignorantes, por não estar com saude bastante para o fazer mais dilatado, e scientifico, e disse muitas vezes, que se pelo decurso do tempo se offerecesse occasião de dar o seu voto, como procurador da fazenda, não poderia deixar de dizer a el-rei, que se deviam entregar ao rapaz as casas confiscadas. O mesmo desembargador, passados alguns tempos, vindo visitar o padre D. Estevão, e fazendo-se o marquezito esquecido dos debates antigos, para averiguar se os morgados n'este reino eram confiscaveis por crime de leza-magestade, ficou atarantado, e perguntou para que queria saber isso? Respondeu o rapaz, que para vêr se nas leis se encontraria alguma cousa que lhe fosse favoravel. Esteve algum tanto indeliberado; mas por fim de contas respondeu, que como aquillo eram coisas que traziam os livros por isso se resolvia a declarar, que os morgados de sua casa eram seus, e que primeiramente lhe tinham começado tres dias antes do crime de seu pae por ser essa uma das clausulas da sua instituição, e depois d'isso por muitas outras rasões, que allegou, para se não mostrar ignorante n'aquelle ponto de jurisprudencia deante do Padre, que acabava de ler a sua livraria.

Depois de passarem alguns annos succedeu apanhar o desembargador, como já disse, um escripto do padre Clemente para o Encerrabodes, no qual vinha incluso outro do mesmo padre para o marquezito seu

ntigo dirigido, em que respondia sobre as determi-
ações d'este rapaz em materia de casamento, e no-
a-se que não entrando nunca o desembargador so-
re este ultimo ponto na menor averiguação, nem
arecendo natural, que deixava de dar parte de simi-
hante descoberta, d'ahi a menos de um anno saiu
a nova lei dos morgados, regulando com egual impe-
io o preterito, e o futuro, e atraz d'essa, outra com
as correcções que por conta de alguns interesses par-
iculares pareciam necessarias.

O desembargador, depois d'isto, tem continuado a
lizer ao rapaz varias cousas agradaveis. Já depois de
estar na minha companhia certificou que Deus o li-
vrasse de ser a causa da sua demora n'esta prisão;
de que se el-rei o consultasse, não sómente lhe diria
que o pozesse logo na sua liberdade; mas que ainda
em cima seria justo compensar-lhe tão dilatados tra-
balhos. Tambem lhe disse que tinha fallado a seu fa-
vor, e que já estivera para ser solto; mas que essa
determinação se tinha perturbado: e agradecendo-
lhe o rapaz os seus serviços e as suas consolações,
accrescentou, que nada lhe servia o reconhecimento
da sua justiça, porque n'estes casos não era por ahi
onde as cousas se costumam regular, senão mera-
mente pela vontade do soberano.

De mim

No principio da minha prisão cuidei que procedes-
sem comigo com grande rigor, porque Luiz de Men-
donça no quarto ou quinto dia me disse, como quem

*

A poucos passos se foram desvanecendo, porque passaram muitas horas sem a minima novidade. Luiz de Mendonça, que n'essa occasião, assim como em todo o decurso da doença, me tratou com o maior disvello, e mais ardente caridade, já dava o negocio por perdido, e me procurava consolar com o exemplo de outro preso, que não nomeára; mas que eu sabia; era D. Manuel de Sousa, que tinha morrido sem confissão, nem nenhum soccorro temporal. Eu mesmo já me ía dispondo bastantemente para me succeder outro tanto, quando perto da meia noite chegou o guardião de S. José de Ribamar para me confessar, concluido esse sacramento, e quando estavamos entendendo que n'isso se limitaria o despacho de todas as minhas petições, chegou o desembargador com o barbeiro da Torre, que me sangrou. Tres dias depois me foi visitar o cirurgião Manuel Ferreira, e passados 10 ou 12 dias me tornou a sangrar por conta de uma repetição da mesma especie. Então se confirmaram todos que procedia da casa a molestia da mesma fórma, que muitos outros tinham n'ella grangeado achaques incuraveis, e assentando-se que eu não podia viver sem haver n'isso mudança, empenhou-se Luiz de Mendonça em me alcançar a casa do meio, que com effeito me foi concedida, e para onde passei, depois de se pregarem travessas nas janellas, e fazer uma grade para os postigos de cima da que ficava para a parte do norte d'esta, que foi por onde me quizeram dar alguma luz. Aos quarenta dias depois do primeiro ataque o guardião de S. José, a quem eu tinha encarregado de dizer da

minha parte a Sebastião José, que nos termos em que me achava, queria fazer testamento, me veio dar a resposta, que sobre as facilidades, ou difficuldades que se poderiam encontrar para as disposições, que eu pretendia, me não podia dizer nada como ministro, mas como amigo me desejava muitas felicidades e occasiões de me servir.

Na casa nova estive um anno sem poder convalescer quasi nada, e parecendo-me que não arribaria, sem embargo de se me abrirem as portas do eirado para recrear a tomar ao sol algum calor. D'ahi por diante comecei a sentir mais força e ainda estava bastantemente atrazado em saude, quando vim para este forte: até quasi a esse tempo me fez Luiz de Mendonça perguntas, e nos primeiros dias não querendo dar-me credito, lhe disse muitas vezes, que eu estava pelo que dissessem de mim os que se achassem mais culpados. Mostrou-se bastantemente instruido do meu modo de vida, e de todos os meus passos nos ultimos mezes antes de preso, por onde conheci, que lhe teriam dado parte das averiguações que se fizeram a meu respeito. A tudo me parece que satisfiz completamente, e por isso no ultimo anno toda a teima consistia em me dizerem, que a unica cousa que havia contra mim era suspeitarem, que depois dos tiros, alcançasse eu indicios sufficientes do delicto para ter obrigação de accusar: eu dizia que não, com mil rasões, e pedia me apresentassem acto por onde me visse obrigado a formar alguma suspeita: nunca foi possivel mostrarem-me nenhum d'esse genero, e chegando a contar-me que o minis-

terio, com todo poder real, não póde nunca colher provas bastantes contra os Tavoras, para impedir a favor da sua innocencia, o estabelecimento no publico da voz universal, e constante, que ainda hoje grita; apezar de muitos exemplos de castigo contra a violencia que lhe foi feita. Zombei muitas vezes das instancias de Luiz de Mendonça e lhe disse em algumas occasiões, que taes duvidas não havia, nem podia haver sobre o meu procedimento, e que tudo eram chimeras, com que me queriam atanazar. Uma das alicantinas celebres que durou por algum tempo com muita impertinencia, foi dizerem, que, se o que eu tinha dito ao marquez das Minas na ante-vespora da minha prisão, o tivesse dito a Sebastião José, estaria tudo remediado, e nem talvez seria preso. Ora o marquez n'essa occasião, estando de semana, procurou, quanto pôde intimidar-me, dando-me algumas noticias confusas das prisões que depois se fizeram, e tambem se fingiu receoso, de que eu podesse entrar n'essa redada. Mostrou-se mais que nunca amigo de Sebastião José, e querendo dar por infallivel o que se incluia nas vozes do povo, não fiz eu mais que defender meu sogro, e meus cunhados, em quem tinha observado quanto me parecia, que pódia fazer mais provavel a sua innocencia, isto mesmo disse a Luiz de Mendonça, e instei muito com elle para que fizesse declarar ao marquez das Minas o que me tinha ouvido, e que por ahi se veria coisa de que eu devesse dar parte. Apezar d'isto, que parecia bem simples, perseguiram-me milhares de vezes para me obrigar a repetir o que acabo de dizer; até que de

uma vez gritei com mais força contra similhante destempero, e pedi que me mostrassem a diversidade que havia entre o que eu confessava, e o que dizia o marquez das Minas.

Não me responderam nada, depois d'isso nunca mais me tornaram a tocar em tal materia. Tambem aturei a Luiz Mendonça dizer-me mais de uma duzia de vezes, que nas diligencias que se continuavam a fazer, para se examinar o meu procedimento; qualquer coisa, que se descobrisse, o menor castigo que me dariam, seria cortar-me a cabeça. Na ultima enfadei-me muito, e com isso consegui não me tornar a tocar em ponto similhante. — Sebastião José, querendo um dia consolar-me, mandou-me dizer pelo mesmo Luiz de Mendonça que eu sim tinha soffrido muito; mas aquella dilação poderia ser proveitosa, seguindo-se-lhe compensações que fizessem esquecidos os trabalhos passados: respondi agradecendo o recado; mas que no que tocava ao futuro que era o que podia ter remedio, advertisse que eu não era Fernando Abrantes, para querer levar palmatoadas por dinheiro. Já lhe tinha mandado dizer desde os primeiros tempos, que boa occasião era aquella em que eu e minha mulher tinhamos sido presos, quando menos o esperavamos, para se examinarem os cabedaes, que meu pae tinha trazido da India, e que lhe pedia muito não deixasse de procurar todos os documentos, que d'isso se podessem conseguir. Não tive d'isto nenhuma resposta.

Luiz de Mendonça dava-me sempre algumas esperanças, mas como o casamento da herdeira do

reino, não foi motivo poderoso para se suspender nenhum acto de rigor, confirmei-me na idéa da prisão perpetua, e clamei muito tempo para que se observassem commigo as regras da justiça.

Ultimamente intentei escrever a el-rei: recommendei a Luiz de Mendonça, que pedisse da minha parte licença para isso: alguma coisa se mostrou aborrecido da proposta; mas disse-me, passados dias, que me fosse preparando emquanto elle trabalhava n'essa pretenção.

D'ahi a muito pouco tempo me passaram para este forte, com pouca differença na fórma do que já contei no artigo de Manuel de Tavora. Requeri logo me dessem as mesmas commodidades, que me concediam na torre, para a privação das quaes não tinha commettido nenhum crime.

Continuei tambem a pretenção de escrever a el-rei, mas de todos estes requerimentos se zombou, e já como quem me tinha seguro para não ser nunca ouvido por ninguem. Do que eu tinha na torre deram-me sómente quatro talheres, uma caldeirinha com a sua tampa, e um apparelho de barba: a mais prata, uma caixa, e outros trastes de algum valor, que me teriam muita serventia, ficaram na mão do desembargador, que diz com mentira, que mandou entregar em minha casa, e que tem d'isso recibo, que nunca quiz apresentar.

Seis mezes a fio me não quizeram dar livros nenhuns, e me disseram até ao ultimo instante mil mentiras, tendo elles vindo juntamente com o mais fato: depois os entregaram, fingindo que vinham de muito longe. Nunca até agora foi possivel conseguir,

erto de uma resma de papel da minha letra, em que se comprehendia uma especie de peculio, algum tanto desordenado, de varias materias dos meus estudos, que Luiz de Mendonça me assegurou, remetteria logo sem fallencia, porque tinha ordem para isso. Tambem me não quizeram dar lençoes lavados quasi outros seis mezes, para me mortificarem até n'essa bagatella.

Na prisão do Domingos, succedida quinze dias depois da minha chegada, trataram-me como se eu tivesse tido parte alguma nos erros attribuidos a este moço: Deram-me o peor de comer: os guardas não paravam um só instante na minha casa: o desembargador cinco mezes continuados não quiz vir fallar-me, por mais que o mandasse chamar. Fecharam-me as tres portas, e assim se conservariam mais de quarenta dias, se não fosse o terremoto do dia dos annos da rainha. Então pretendi fallar ao desembargador com mais alguma efficacia, para me prevenir contra os effeitos de outro terremoto maior; e como continuou a não querer vir, tomei por testemunhas os guardas por não ter outras, da declaração que fiz da minha innocencia, e da injustiça com que me tratavam, para assim o attestarem publicamente se quizessem, no caso de eu morrer debaixo d'estas paredes; e não sei se tirei d'ahi abrirem-me as duas portas anteriores, para ter n'esse vão algum refugio. Em tudo mais subsistiu a mesma ferocidade, mas apezar d'isso, quiz Deus pela intercessão de Nossa Senhora, que procurei com o fervor possivel, fazer-me passar incomparavelmente melhor do que na torre. Chegado

perto de anno e meio d'este tormento, a confissão er
o que me dava trabalho mais insupportavel pela in-
capacidade do confessor. Queria fazer uma confissã
geral, e pretendendo outro padre, zombou d'isso mui-
to tempo o desembargador; até que uma vez o encar-
reguei de dizer da minha parte a Sebastião José, que
eu queria ser condemnado á morte, e que assim o
pretendia para alcançar um confessar capaz, com que
podesse desafogar a minha consciencia.

Fez isto bom effeito, porque segundo o que soube
depois (era então o principio da guerra que tivemos
com Castella.) Deram-me passado um mez o confes-
sor d'el-rei; e o desembargador quando me veiu
trazer essa noticia, entendendo que havia para mim
alguma mudança de fortuna, appareceu-me pela pri-
meira vez com cabelleira, tratando-me com uns respei-
tos e uma caridade diametralmente oppostos a quan-
to até alli tinha praticado: mas logo que chegou o
padre com quem estive quatro horas, fiquei descon-
solado, porque depois de ouvir a maior parte do que
eu tinha para lhe dizer me declarou, que para qual-
quer recurso a el-rei era elle absolutamente inutil,
porque este monarcha, na occasião de um requeri-
mento de uma mulher, lhe tinha dito com muita se-
veridade, que em negocios fallasse sómente com Se-
bastião José, e que immediatamente á sua real pes-
soa não tomasse nunca similhante confiança, só se
encarregou de um recado de pouca substancia, e ain-
da a respeito d'esse declarou, que logo o daria, n
caso que sua magestade lhe perguntasse alguma coi-
sa sobre a sua vinda a esta porta, porque quando não

ó a Sebastião José poderia fallar. Perguntou-me, se ueria alguma coisa para este ministro, respondi que ão, mas continuando a instar n'este ponto me reolvi a mandar-lhe dizer, que um rol de livros, que om o seu consentimento tinha eu feito no principio ara virem de minha casa, desejava ao menos manlassem alguns que eu nomeei.

Até agora não tive reposta d'este recado, e d'ahi poucos mezes recebi a primeira carta da minha nulher: fiquei varado quando a vi de letra alheia, a assignatura muita tremula, feita como ella dizia, om uma penna na bocca por não ter outro movimeno em todo o corpo senão o da junta do pescoço. D'ahi dez mezes recebi a segunda carta, já com uma cruz no logar da firma, e da mesma fórma a terceira passados sete mezes.

A tristeza que me penetrou todo esse tempo já se não póde alliviar bastantemente com as noticias, que pouco depois se lhe seguiram mais alegres. Subsisliam sempre as causas da molestia, e augmentandose de vez em quando a crueldade que a tinha produzido, as consequencias que d'ahi se podiam seguir, da ruina de todas as pessoas, que mais me interessavam, continuaram a combater fortemente o meu animo, para me exaltar com isso a melancholia, e vêr-me em termos mais de um anno de morrer em pé a cada instante.

Depois d'isso fui a pouco e pouco melhorando, até me restituir a um certo estado, em que ainda hoje me conservo, e em que sinto bastantes effeitos dos trabalhos passados.